



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

ISADORA MARIA ROMANO PACÍFICO

O ENSINO DE REDAÇÃO EM *SITES*: DIÁLOGOS EM REDE



ARARAQUARA – SP

2014

ISADORA MARIA ROMANO PACÍFICO

## O ENSINO DE REDAÇÃO EM *SITES*: DIÁLOGOS EM REDE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientador:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marina Célia Mendonça

ARARAQUARA – SP

2014

|

A meus maiores amores Gabriela, José e Soraya,  
por me constituírem com seus sentidos múltiplos e dialógicos de amor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marina Mendonça, que muito me ensinou sobre a vida acadêmica e seus (per)curtos. Sua escuta e orientação foram fundamentais para a elaboração deste trabalho.

Aos professores do curso de Letras que contribuíram para minha formação.

A meus pais, José e Soraya, por acreditarem em mim, por todas as palavras de afeto, de apoio, de amor, por toda a compreensão, por todo o incentivo.

A meus familiares e amigos pelas tão diferentes interlocuções.

*Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar.*

Bernardo Soares

*Livro do Desassossego, 1982*

## RESUMO

Os estudos sobre leitura e escrita se dão no interior da Linguística há várias décadas e, com o computador, a linguagem entrou na rede e isso está abrindo um espaço de “aprendizagem” para as aulas de redação, não mais reduzido a uma sala de aula, mas sim, ampliado a um universo que não tem limites geográficos, a saber, a Internet. Nossa pesquisa insere-se nesse contexto ao desenvolver análise do discurso sobre a prática de escrita em *sites* dedicados ao ensino-aprendizagem de redação. O objetivo principal é investigar as relações entre aula presencial de redação – tomada aqui como gênero do discurso, como entende Bakhtin – e o discurso que os *sites* selecionados para nosso *corpus* sustentam sobre ensino de redação. Partimos da hipótese de que os *sites* que se destinam ao ensino/aprendizagem de escrita buscam criar virtualmente condições de ensino imaginariamente semelhantes às existentes em aula presencial de Língua Portuguesa. Interessa-nos, portanto, observar, discursivamente, como é criada a imagem dos interlocutores a quem os *sites* se dirigem, já que os enunciadores não estão diante daqueles que ocupam o lugar de alunos reais; são, sim, virtuais. Buscamos, também, saber como o gênero aula se manifesta nesses *sites*, o quanto esses *sites* dialogam com a aula presencial em relação à ideologia, à função do professor, à concepção de língua e de escrita. A constituição do *corpus* deu-se a partir de ferramentas de busca na *internet*. Os *sites* que analisamos são: [alunosonline.com.br](http://alunosonline.com.br), [brasilescola.com.br](http://brasilescola.com.br), [coladaweb.com.br](http://coladaweb.com.br), [guiadoestudante.com.br](http://guiadoestudante.com.br), [infoescola.com.br](http://infoescola.com.br), [mundoeducação.com.br](http://mundoeducação.com.br), [mundovestibular.com.br](http://mundovestibular.com.br), [português.com.br](http://português.com.br), [professorjuscelino.com.br](http://professorjuscelino.com.br) e [redaçãodissertativa.com.br](http://redaçãodissertativa.com.br). A seleção foi qualitativa, considerando-se os objetivos expostos. Realizamos um estudo bibliográfico sobre estudos bakhtinianos do discurso, base teórico-metodológica da pesquisa. A análise realizada tem por base a proposta bakhtiniana: foi realizado cotejamento de enunciados, considerando o conceito de diálogo em Bakhtin e Bakhtin/Volochinov. Como resultado, podemos dizer que os *sites* analisados mantêm um diálogo com os discursos que circulam na instituição escolar e, também, com os discursos da Linguística sobre ensino e produção textual. Percebemos que o funcionamento dos *sites* não permite que a proposta de ensinar a escrever redação seja alcançada, pois a maioria deles se baseia em dicas e consideramos que dicas não são suficientes para o ensino de escrita de um texto. Os discursos da Linguística, quando revisitados e repostos em (dis)curso, transformam-se e perdem a característica primeira para se tornarem escolarizados, o que não contribui para um avanço no processo de ensino e aprendizagem de produção textual.

**Palavras – chave:** Escrita. Mídia Eletrônica. Análise do Discurso.

## ABSTRACT

**Keywords:** Writing. Digital Media. Discourse Analysis.

We know that studies on reading and writing take place within the Linguistic for several decades and, with de computer, the language entered the network and this is opening a “learning” space for writing classes, no more reduced to a classroom but expanded to a universe that has no geographical boundaries, namely de Internet. Our research fits into this context and is part of the project “The discourse on writing practices in contemporary Brazilian media: the art making, the pedagogical practice, and the production of meaning” to develop discourse analysis on the practice of writing on sites dedicated to teaching and learning of this practice. The main objective of this research is to investigate the relationship between school attendance of redaction – made here as discourse gender, as you know Bakhtin – and the discourse of the sites that constitute our corpus. We set out the hypothesis that the sites are intended for the teaching/learning of writing seeking to create virtually teaching imaginarily conditions similar to those that exist in school attendance of the Portuguese language. We are interested in, therefore, observe, discursively, as the image is created of the interlocutors to which they are intended considering that the enunciators are not in front of those who occupy the place of real students, because they are virtual students. We, too, to know as the gender class manifested itself in those sites, as these sites dialogue with the face-to-face class in relation to ideology, the function of the teacher, the conception of language and writing. The constitution of the corpus was from search tools on the internet. The sites that we analyzed were: [alunosonline.com.br](http://alunosonline.com.br), [brasilecola.com.br](http://brasilecola.com.br), [coladaweb.com.br](http://coladaweb.com.br), [guiadoestudante.com.br](http://guiadoestudante.com.br), [infoescola.com.br](http://infoescola.com.br), [mundoeducaçao.com.br](http://mundoeducaçao.com.br), [mundovestibular.com.br](http://mundovestibular.com.br), [português.com.br](http://português.com.br), [professorjuscélino.com.br](http://professorjuscélino.com.br) and [redaçãodissertativa.com.br](http://redaçãodissertativa.com.br). The selection was qualitative, considering the objectives exposed. We conducted a bibliographical study on bakhtinianos studies the the theoretical-methodological base of this research. The analysis is based on the bakhtiniana proposal: we realized an interpretation of the utterances, considering the concept of dialogue in Bakhtin and Bakhtin/Volochínov. The results show that the sites analyzed maintains a dialogue with the discourses circulating in school institution, also, with the discourses of Linguistics about teaching and textual production. We observed that the functioning of the sites do not provide that the proposal to teach writing can be reached, because most of them relies on tips and we think that tips are note sufficient for the teaching of writing a text. What is expected of a website that proposes to address subjects about different texts, different genders, in a space intended to the writing, is to present to the interlocutor, at least, possible ways of writing a certain type of text, which in fact does note occur on the sites analyzed. The discourses of Linguistics, when revisited an replaced in (dis)course, they turn and lose the first feature to become shooled, which does not contribute to an improvement in he teaching and learning process of textual production. The findings indicate that the sites establish a constant dialogue and essential for its own constitution with the traditional classroom model, because we noticed that is operation reflects on what happens with the gender class in the school.

## **LISTA DE SITES**

<b><i>Site Alunos Online</i></b>
<b><i>Site Brasil Escola</i></b>
<b><i>Site Cola da Web</i></b>
<b><i>Site Guia do Estudante</i></b>
<b><i>Site Infoescola</i></b>
<b><i>Site Mundo Educação</i></b>
<b><i>Site Mundo Vestibular</i></b>
<b><i>Site Português</i></b>
<b><i>Site Professor Juscelino</i></b>
<b><i>Site Redação Dissertativa</i></b>



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>p. 11</b>
<b>2. O DISCURSO DA LINGUÍSTICA SOBRE O ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL.....</b>	<b>p. 14</b>
<b>2.1 Gênero e dialogismo em Bakhtin.....</b>	<b>p. 21</b>
<b>3. AS ANÁLISES.....</b>	<b>p. 26</b>
<b>3.1 Análise do Site Brasil Escola.....</b>	<b>p. 27</b>
<b>3.2 Análise do Site Professor Juscelino.....</b>	<b>p. 35</b>
<b>3.3 Análise dos demais sites.....</b>	<b>p. 37</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>p. 46</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>p. 48</b>
<b>6. ANEXOS.....</b>	<b>p. 57</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, intitulada *O ensino de redação em sites: diálogos em rede*, analisou dez *sites* que propõem o ensino de escrita em Língua Portuguesa, mais especificamente, de Redação. Ela está vinculada ao projeto de pesquisa *O discurso sobre as práticas de escrita na mídia brasileira contemporânea: o fazer artístico, o fazer pedagógico e a produção de sentido*, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marina Célia Mendonça (UNESP/FCLAR), e apoia-se nos conceitos bakhtinianos de *gênero do discurso* e *dialogismo*.

O objetivo principal foi investigar as relações entre “aula” presencial de redação – tomada aqui como gênero do discurso, como entende Bakhtin – e o ensino que se apresenta nos *sites* que constituem nosso objeto de análise. Isso porque nossa hipótese era a de que os *sites* que se destinam ao ensino de escrita sustentam-se nas condições de produção existentes na “aula” presencial de Língua Portuguesa; hipótese de que tais *sites* buscam criar, virtualmente, condições de ensino, imaginariamente, semelhantes às existentes em sala de aula presencial de Língua Portuguesa, isto é, cria-se a ideia de que há uma voz que ensina alguém que está ali, na rede, procurando aprender, como se “todas” as dúvidas dos internautas (que, supostamente, ocupam o lugar de aluno) pudessem ser previstas e solucionadas por aquele que pretende ensinar. Todavia, como nos ensina Bakhtin, as atividades de linguagem são dialógicas e se dão na interação verbal; logo, as dúvidas que os alunos têm em sala de aula surgem dessa interação. Como, então, pensar a interação no espaço virtual?

Com base na hipótese apresentada, buscamos saber como o gênero aula se manifesta nesses *sites*, o quanto esses *sites* dialogam com a aula presencial, em relação à ideologia, às práticas de escrita, à função do professor, à concepção de língua e de ensino de escrita.

Partindo de estudos sobre o percurso da Linguística em relação ao ensino de produção de texto e da leitura de Bakhtin e do Círculo, consideramos relevante analisar os *sites* para investigar com que discursos eles dialogam. E nos colocamos a hipótese de que os *sites* dialogam com o gênero aula - refletimos sobre a aula como gênero discursivo e como lugar de emergência de vozes que são, principalmente, a voz do professor-enunciador e a voz do aluno, as quais representam posições discursivas correspondentes à posição do professor, que ensina, e a de um interlocutor, o aluno, que busca aprender a escrever redações.

Algumas obras do Círculo de Bakhtin, *Estética da Criação Verbal* e *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, são de central importância para a elaboração desta pesquisa, pois embasam nossa fundamentação teórica sobre os conceitos de gênero discursivo e dialogismo, conceitos essenciais que nortearam nossas análises. Apoiamo-nos, também, na leitura de *Introdução ao pensamento de Bakhtin*, de Fiorin (2008), e de *Bakhtin: conceitos-chave*, organizado por Brait (2007), para ampliar nosso olhar em relação aos conceitos já citados. A leitura de textos de Fávero e Koch (1983), de Geraldi (2000), de Mendonça (2003) e de Possenti (2000) sobre o ensino de produção textual, igualmente, fundamentou nossas discussões sobre o lugar que o ensino de redação ocupa nos *sites* que constituem nosso *corpus*.

Com o computador e, especialmente, a partir da Internet, a escrita passa a ser também praticada em forma digital e essa transformação afetou toda a sociedade contemporânea; os processos de ensino-aprendizagem, dentro ou fora da escola, também sofreram a influência da tecnologia. Após décadas de uso da tecnologia propiciada por computadores, a escrita digital está naturalizada e, com ela, mudam-se as práticas sociais, as formas de expressão, surgindo novas relações com o saber e com as práticas de leitura e escrita, nas quais o giz ocupa um lugar paralelo e entra o cursor. Isso implica um deslocamento do saber ensinar para o saber aprender, ou seja, a responsabilidade de aprender é daquele que ocupa o suposto lugar de aluno.

Essa mudança de cenário justifica a temática desta pesquisa e o interesse em realizá-la. Assim, nosso *corpus* se constitui de dez *sites* que se dispõem a ensinar redação com dicas escritas, ou seja, não nos interessam *sites* que ensinam através de vídeo-aulas, por exemplo, pois queremos observar como se dá a relação entre aquele que edita o *site* e aquele que está por trás da tela, o interlocutor, que, como podemos ver em todos os *sites*, é pensado como um estudante que está prestando vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). De acordo com a teoria bakhtiniana, podemos entender os *sites* como enunciados concretos; logo, eles podem se aproximar de uma aula tradicional, que é concebida como espaço de interação.

Para chegar à seleção dos *sites*, seguimos uma metodologia de pesquisa que previu o acesso à Internet a fim de selecionar alguns *sites* que ensinam escrita e redação. Após uma detalhada busca na internet, através do *site* de buscas Google, com a recorrência dos seguintes trechos: “*sites* que ensinam redação”, “*sites* que ensinam escrita”, “*sites* que ensinam escrita e redação para vestibulandos”, “*sites* que ensinam redação para vestibular”, selecionamos, aleatoriamente, dez *sites* a partir de uma

abordagem qualitativa e dialógica, com base teórico-metodológica em estudos bakhtinianos do discurso. Sendo assim, consideramos que a subjetividade do pesquisador é inescapável no se que refere à escolha dos *sites* como *corpus* desta pesquisa. Todavia, como critério de seleção, optamos por *sites* que se dedicam alguns, exclusivamente, ao ensino de redação e outros, também, ao ensino das demais áreas, como, por exemplo, História, Geografia, Matemática, Física, Biologia, Artes; porém, nosso foco foi o de investigar, unicamente, como se ensina a escrever redação nesses espaços virtuais.

Esse foi o percurso metodológico por nós percorrido para a composição do *corpus*, constituído pelos seguintes *sites*: Alunos Online, Brasil Escola, Cola da Web, Guia do Estudante, Infoescola, Mundo Educação, Mundo Vestibular, Português, Professor Juscelino e Redação Dissertativa.

Realizada essa introdução, que traz a justificativa da pesquisa, bem como a metodologia de constituição do corpus, a seção que se segue, seção I, será dedicada à fundamentação teórica; na seção II, serão apresentadas as análises dos *sites*. Para finalizar, teceremos algumas considerações e resultados que podem colaborar com novos caminhos de pesquisa sobre o ensino de escrita e (em) novas tecnologias.

## 2. O DISCURSO DA LINGUÍSTICA SOBRE O ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Esta pesquisa parte das contribuições trazidas pela Linguística, especialmente, as concebidas a partir da segunda metade do século XX sobre a textualidade. Essas contribuições serão colocadas em diálogo com os *sites* que constituem nosso *corpus*. A Linguística textual surgiu na década de 60, na Europa, especialmente, na Alemanha e, de acordo com o livro *Linguística Textual: Introdução*, de Fávero e Koch (1983), esse percurso teórico é subdividido em três momentos fundamentais: no primeiro, os estudos linguísticos apontam para uma análise transfrástica, em que são analisados enunciados ou sequências de enunciados, partindo-se destes em direção ao texto. Isso significa que os linguistas perceberam que a língua não podia mais ser estudada no nível da frase, como durante muito tempo ocorreu o estudo da língua. Entretanto, não se pode esquecer de que, até hoje, é possível encontrar livros didáticos de língua portuguesa que trazem frases isoladas para ensinar os conteúdos gramaticais, mesmo que os estudos estejam defendendo, há mais de cinquenta anos, que é preciso ir além da frase, uma vez que em situações reais de comunicação os falantes não se comunicam por frases isoladas.

No segundo momento, os estudiosos propuseram a gramática textual, que “surgiu com a finalidade de refletir sobre fenômenos linguísticos inexplicáveis por meio de uma gramática do enunciado.” (FÁVERO; KOCH, 1983, p. 14). Havia a necessidade de fazer a análise avançar, ir além da sequência de enunciados, ou seja, verificar os princípios de constituição de um texto, as condições em que se manifesta a textualidade. Buscava-se, naquele momento, levantar critérios para delimitações de textos, diferenciando-se os vários tipos textuais, ou seja, o que caracteriza determinado tipo de texto. As relações entre os enunciados passaram a ser consideradas, mas ainda os estudos estavam voltados para as relações internas do texto, isto é, não consideravam o contexto.

No terceiro momento, os textos passaram a ser considerados em seus contextos pragmáticos: “o âmbito de investigação se estende do texto ao contexto, entendido, em geral, como conjunto de condições – externas ao texto – da produção, da recepção e da interpretação do texto.” (FÁVERO; KOCH, 1983, p. 15).

O conceito de texto variou de acordo com as acepções dos linguistas e de acordo com a abordagem a que se propôs a linguística textual. Recorremos às palavras de

Fávero e Koch (1983, p. 19) para melhor ilustrar como se deu o desenrolar dos estudos linguísticos até se chegar ao texto como unidade mínima de análise:

Como entroncamento da linguística estrutural, a linguística textual tentou encontrar, de início, regras para o encadeamento de sentenças, para, desse modo, poder conservar os métodos anteriores da análise frasal, ampliando-os, para chegar a uma análise de pares de frases. De acordo com este procedimento, a frase precedente constitui o contexto mínimo ao qual está ligada a estrutura gramatical da frase subsequente. Todavia, as tentativas de desenvolver a linguística textual como uma linguística da frase ampliada ou corrigida foram sendo abandonadas, por se mostrarem pouco adequadas.

Observado que a frase não atendia às expectativas dos estudiosos da linguística textual, os estudos avançaram em direção ao texto que, segundo as autoras, passou a ser entendido, em sentido amplo, como toda passagem que produz sentido, independentemente da manifestação textual (pintura, poema, filme, música, etc.).

Da década de 1960 para cá, muitos pesquisadores se dedicaram aos estudos da linguagem. Geraldi (2000), em seu livro *O texto na sala de aula*, faz algumas críticas em relação às concepções de linguagem e suas implicações para o ensino de língua, mostrando que o modo como se concebe o uso da linguagem pode influenciar na relação dos interlocutores, em sala de aula. Segundo o autor (GERALDI, 2000) uma das concepções correntes sobre a linguagem é que ela pode ser usada como expressão do pensamento, cujo sentido implícito o autor critica, isto é, se o aluno não se expressar (e aqui podemos pensar na fala e na escrita) é porque ele não pensa. Diante desse implícito, o que dizer sobre os alunos e demais sujeitos não alfabetizados, que não se expressam por escrito?

Outra crítica feita por Geraldi (idem) diz respeito à concepção de que a linguagem pode ser usada como instrumento de comunicação. A esse respeito, o autor critica a ideia de que emissor e receptor comunicam-se por mensagens que teriam, supostamente, um sentido único; logo, os interlocutores devem interpretá-las da mesma maneira, desconsiderando-se, assim, que dependendo da situação de interlocução, os sentidos podem ser múltiplos. E, por fim, a concepção de linguagem com a qual o autor concorda, contempla a linguagem usada para promover a interação, situação em que os falantes podem promover situações de aprendizagem, considerando o texto/linguagem como meio para que isso aconteça.

No entanto, para se chegar a essa abordagem mais ampla de linguagem/texto, os entraves foram muitos. A Linguística textual a partir dos anos 80 debruçou-se, principalmente, sobre os estudos sobre coesão e coerência textuais, ampliando de maneira significativa o conceito de coerência anteriormente aceito, “passando-se a postular que não se trata de mera propriedade ou qualidade do texto em si, mas de um fenômeno muito mais amplo” (FÁVERO & KOCH, 1983, p. 74). Em outro artigo, Koch discorre mais sobre essa questão: “a coerência se constrói, em dada situação de interação, entre o texto e seus usuários, em função da atuação de uma complexa rede de fatores, de ordem linguística, sociocognitiva e interacional” (KOCH, 1997, p. 74).

Com o avanço nos estudos, a Linguística textual, a partir do final do século XX, começou a apontar que os problemas linguísticos e de coesão encontrados nas redações escritas por alunos do ensino médio e do ensino superior são reflexos da maneira como a produção textual é ensinada nas escolas. Textos sem coesão e coerência, com falta de informatividade, com fuga do tema proposto, denunciam um ensino que encara o texto não como objeto instaurador de diálogos.

Diante disso, o vestibular passou a funcionar como indicativo do ensino que as escolas praticavam (praticam). Assim, o ensino de escrita, nas escolas, foi se moldando, também, por causa das mudanças ocorridas nos vestibulares, que passaram a exigir uma redação como parte avaliativa para o ingresso dos vestibulandos, nas universidades. Por isso, no ensino médio, principalmente, as aulas destinadas ao ensino de produção textual elegeram a redação dissertativa como protagonista, ao invés de ensinar aos alunos a produção de diversos gêneros textuais, nos quais a criatividade e o prazer de escrever fossem permitidos.

Na medida em que a escola concebe o ensino da língua como simples sistema de normas, conjunto de regras gramaticais, visando a produção correta do enunciado comunicativo culto, lança mão de uma concepção de linguagem como máscara do pensamento que é preciso moldar, domar para, policiando-a, dominá-la, fugindo ao risco permanente de subversão criativa, ao risco do predicar como ato de invenção e liberdade. Por isso, na escola, os alunos não escrevem livremente, fazem redações, segundo determinados moldes [...] (LEITE, 2000, p. 24).

Costa Val, em *Redação e Textualidade* (1994), analisa redações escritas no vestibular da Universidade de Minas Gerais, e discute sobre problemas encontrados nos textos relativos à coesão e coerência. Alguns critérios como continuidade, progressão, não-contradição, articulação são considerados nessa obra fundamentais para a tessitura

de um texto. A autora percebe que os vestibulandos escrevem os textos, de maneira geral, preocupando-se mais com a estrutura do texto que com o conteúdo, deixando de lado o cuidado com o aspecto semântico, o que ocasiona problemas em relação à coerência, à coesão, à informatividade, à pragmaticidade.

Com base na leitura do texto *Coerção e criatividade na produção do discurso escrito em contexto escolar: algumas reflexões*, de Lemos (1988), constatamos, também, que textos escritos em situações de coerção, como, por exemplo, na escola, no momento do vestibular, apresentam – geralmente - uma desarticulação do discurso, ou seja, vemos que, muitas vezes, o aluno em contexto escolar preenche seu texto, sua redação com posições vazias, com argumentos fracos e que não fogem do senso comum.

Os trabalhos de Lemos (1988) e Costa Val (1994) levam-nos a refletir sobre a relação dos alunos com a escrita, especialmente, em situações que podemos chamar de escrita escolar, a qual, devido ao caráter avaliativo, leva os alunos a afastarem-se da produção de sentidos com coesão, coerência e argumentatividade, visto que a maioria dos estudantes preocupa-se em obedecer às leis e regras gramaticais, à estrutura textual; porém, nem sempre os alunos conseguem produzir redações que atendam a tais critérios e assumem, em suas redações, o que Lemos (idem) chama de “posições vazias”.

Todavia, com o avanço nos estudos da Linguística, novas concepções de ensino de escrita, em contexto escolar, foram surgindo e ganhando força e, assim, foram chegando à escola, por meio de subsídios e propostas; um exemplo são os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa. Os PCNs consideram que a unidade de análise deve ser o texto, como podemos ler em:

[...] Práticas de ensino têm como ponto tanto de partida quanto de chegada o uso da linguagem. Práticas que partem do uso possível aos alunos e pretendem provê-los de oportunidades de conquistarem o uso desejável e eficaz. Em que a razão de ser das propostas de leitura e escuta é a compreensão ativa e não a decodificação e o silêncio. Em que a razão de ser das propostas de uso da fala e da escrita é a expressão e a comunicação por meio de textos e não a avaliação da correção do produto. Em que as situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensarem sobre a linguagem para poderem compreendê-la e utilizá-la adequadamente (BRASIL, 1997, p. 20-21).

Porém, a mudança não foi tão radical e ainda há grande circulação do discurso e da prática pedagógica de que escrever se ensina através da correção gramatical dos



textos produzidos pelos alunos, assim como a produção oral não tem valor no contexto escolar, que privilegia a escrita (TFOUNI, 1995).

As condições de produção escrita, no contexto escolar, compreendidas, aqui, como: materiais (caderno, lápis ou caneta, carteira); temporais (uma aula de cinquenta minutos); de acesso ao tema dado pelo professor para a produção de textos (às vezes, um enunciado; às vezes, o famigerado tema livre; às vezes, uma tirinha; raramente, uma coletânea de textos para ser discutida e analisada antes da escrita), muitas vezes, podem ser coercivas, especialmente, em situações nas quais o texto é considerado pela escola e pelo professor apenas como um instrumento avaliação. Não é do perfil da escola, ainda, pensar em um processo de ensino de escrita que se apoie no texto tanto no momento de sua primeira produção como num segundo momento, para sua reescrita. O discurso da Linguística é ressignificado pelas vozes formadoras de opinião (cf. MENDONÇA, 2003) que concebem o texto como uma simples avaliação escolar. Da mesma forma, conceitos como o de coesão e coerência ao serem escolarizados, deixam de ser trabalhados como foram pensados pela Linguística, ou seja, como mecanismos fundamentais para a textualidade, e passam a funcionar como um conteúdo escolar a ser ensinado para o aluno, cujo objetivo é cobrar-lhe, nas avaliações, que indique o mecanismo de coesão adequado ou que preencha a lacuna que liga as palavras nas frases, corretamente.

Não se pode pensar em ensino de escrita sem conceber a linguagem em sua perspectiva dialógica, afinal textos escritos são manifestações verbais direcionadas sempre a um outro, a um leitor-interlocutor. Segundo Bakhtin (1988), um discurso tem sua origem em outros discursos e é produzido por um sujeito que se dirige a um outro, que pode ser real ou construído imaginariamente, o que constitui um processo ininterrupto de produção, antecipação e circulação de discursos. Segundo as palavras de Mendonça (2007, p. 201):

Pode-se dizer que, para o círculo de Mikhail Bakhtin (2000), a ressignificação, quando da atualização do discurso, é fato natural do processo de compreensão responsiva – não se abandonam, como não poderia deixar de ser, os aspectos históricos e estáveis do sentido; no entanto, o sentido é sempre relativamente aberto às possibilidades de compreensão daquele sujeito que atualiza o enunciado no diálogo posto na grande temporalidade que envolve passado, presente e futuro.

Por isso, à luz dos estudos linguísticos sobre ensino de produção escrita a possibilidade de ressignificação de um discurso deve ser sempre considerada, embora isso não aconteça em atividades de escrita que são propostas em aulas de Redação, nas quais o professor, geralmente, impõe aos alunos um determinado tema e espera que eles escrevam um texto coeso e coerente sem considerar “o processo de compreensão responsiva”. As aulas que permitem a formação de opinião, a assunção da palavra pelo aluno como cidadão, parecem-nos que devem ser diferentes. Sobre essa questão, encontramos as seguintes palavras nos PCNs:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. [...] Essa responsabilidade é tanto maior quanto menor for o grau de letramento das comunidades em que vivem os alunos. Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações (BRASIL, 1997, p. 21).

Espera-se que a escola, ao tratar do conteúdo gênero textual, não ignore seu caráter funcional, o papel social que o texto, nesse caso escrito, exerce na sociedade. Sendo assim, a produção de textos, em sala de aula, tornar-se-á mais significativa, pois o texto deixará de ser encarado como uma redação – gênero escolar – e passará a ser visto como um texto que é escrito para um outro que não apenas como pretexto para se corrigirem os erros gramaticais, o que destitui o texto de uma das suas principais funções, que é dirigir-se a um interlocutor efetivo.

Entre as práticas escolares de escrita, a redação ocupa um lugar de destaque, já nos últimos anos do ensino fundamental, nos três anos de ensino médio, nos cursinhos preparatórios para vestibular, essa forma padronizada de gênero silencia a heterogeneidade dos textos, dos sentidos e dos alunos, afinal há mais preocupação em relação ao que não escrever do que em relação a como argumentar de maneira contundente.

Os conteúdos escolares que compõem os livros didáticos de Língua Portuguesa, até o ensino fundamental, não se dedicam ao ensino da argumentação. Essa questão é bem discutida por Lemes (2013), que analisa a falta de teorias sobre argumentação nos livros didáticos e, simultaneamente, a cobrança de gêneros textuais dissertativo-

argumentativos nos livros didáticos do terceiro ano do ensino médio, cuja preocupação principal é ensinar os alunos a escrever para o vestibular. A autora analisa também as redações escritas pelos alunos do terceiro ano do ensino médio que estudaram com os livros didáticos por ela analisados e constatou que os alunos não conseguiram construir os textos dissertativo-argumentativos propostos nos materiais didáticos. A esse respeito, também encontramos orientações nos PCNs:

Um escritor competente é alguém que, ao produzir um discurso, conhecendo possibilidades que estão postas culturalmente, sabe selecionar o gênero no qual seu discurso se realizará escolhendo aquele que for apropriado a seus objetivos e à circunstância enunciativa em questão. Por exemplo: se o que o aluno deseja é convencer o leitor, o escritor competente selecionará um gênero que lhe possibilite a produção de um texto predominantemente argumentativo. [...] Sendo assim, o tratamento que se dá à escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende; ao contrário, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciados “oficialmente” no mundo da escrita por meio da alfabetização. [...] Formar escritores competentes, supõe, portanto, uma prática continuada de produção de textos em sala de aula, situações de produção de uma grande variedade de textos de fato e uma aproximação das condições de produção às circunstâncias nas quais se produzem esses textos (BRASIL, 1997, p. 47-49).

Apesar disso, sabemos que em aulas de redação são ensinadas, aos alunos, técnicas e regras de escrita para desenvolver uma boa redação, sem “erros” ortográficos e gramaticais, desconsiderando, na maioria das vezes, outros aspectos imprescindíveis que englobam o tecer de um texto: os aspectos sócio-linguísticos, pragmáticos, e os aspectos extratextuais como contexto e condições de produção. Esses esquemas são simplistas e não ensinam, de fato, a escrever um texto coeso e coerente, com argumentação sólida.

Embora a Linguística já defenda há muito que o ensino de escrita não deve considerar apenas que um texto é um conjunto de frases que se sucedem e que para bem organizá-las no texto é preciso de apenas regras, a escola, de modo geral, ainda não coloca o ensino de produção textual em lugar privilegiado. Nas aulas de Língua Portuguesa, raramente, ensina-se ao aluno que a reescrita é um movimento de retorno ao texto, necessário para que o autor/escritor possa ser o leitor de seu próprio texto e trabalhar na construção dos sentidos, na coesão e coerência textuais. Vale ressaltar que não nos referimos à reescrita como uma cópia do texto lido, o que contraria a

perspectiva dialógica defendida pelos autores que fundamentam este trabalho. Ainda sobre a reescrita, em Fiad temos que:

O conceito “reescrita” admite várias interpretações mas, para este trabalho, trago duas delas: a primeira delas remete ao trabalho que é realizado pelo autor do texto, quando retorna seu próprio escrito e realiza algumas operações com a linguagem, que fazem com que o texto se modifique em vários aspectos possíveis; a segunda interpretação implica em reconhecer que todo texto é uma reescrita, na medida em que sempre que enunciarmos algo estamos, de alguma forma, retomando o que outros já enunciaram. Nessa interpretação, o outro sempre está no discurso: escrever é sempre reescrever (FIAD, 2010, p. 2).

A nosso ver, dependerá da concepção que o professor tem de reescrita o modo como essa atividade será ensinada aos alunos. Por isso, consideramos importante refletir sobre o papel do professor no ensino de escrita, especialmente, quando o ensino não é presencial. Recorreremos, mais uma vez, aos PCNs no tocante ao papel de mediador delegado ao professor, no documento oficial:

Para que essa mediação aconteça, o professor deverá planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno (BRASIL, 1997, p. 25).

Se é papel do professor dirigir as atividades didáticas e orientar o aluno, questionamo-nos: como isso pode ser feito nos *sites* que se propõem a ensinar redação? Há uma voz que representa a voz do professor? É possível que ocorra uma orientação ao aluno nos *sites*? Essa também é uma questão que pretendemos investigar neste trabalho.

## **2.1 Gênero e dialogismo em Bakhtin**

Em seu ensaio *Os gêneros do discurso*, publicado na obra *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin discute sobre o gênero e sua definição, dizendo que em todos os diversos campos da atividade humana perpassa o uso constante da linguagem por meio de enunciados que

[...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados

no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2011, p. 261-262).

O autor russo não teoriza sistematicamente sobre o gênero focando apenas no estudo do produto, mas também no processo de produção do gênero, ou seja, a maneira como ele se constitui é o que mais interessou aos estudos do círculo de Bakhtin. O vínculo intrínseco entre o uso da linguagem e as atividades humanas é o ponto de partida para se pensar no surgimento de gêneros, afinal os tipos de enunciados concretos existem no processo de interação, existem em uso, pela e na linguagem (cf. FIORIN, 2008). Bakhtin atribuiu ao termo gênero um sentido amplo, que nos remete à variedade de textos, sendo eles orais ou escritos, encontrados em situações diversas do cotidiano, que possuem características próprias que os definem e os distinguem.

Consideramos, então, que os *sites* são enunciados concretos relativamente estáveis que surgiram num contexto social em que a internet é um meio muito usado tanto para diversão e entretenimento quanto para estudos complementares. A partir do momento em que a internet passou a fazer parte da atividade humana, foi se tornando necessário, num determinado momento, o surgimento de *sites* que proporcionassem aos internautas uma busca rápida para tirar possíveis dúvidas em relação a todos os assuntos.

Em relação às dúvidas sobre a escrita, que não são poucas, não foi diferente; encontramos muitos *sites* com o objetivo de ensinar regras gramaticais, conjugar verbos, apresentar sinônimos e ensinar redação. Com base nisso, entendemos que os *sites* selecionados para a análise se pretendem didáticos e o que temos como central nesta pesquisa é que eles surgiram como um possível espelho daquilo que ocorre numa sala de aula.

Indo além, na mesma obra, Bakhtin salienta que os gêneros são diversos e heterogêneos, pois a atividade humana é multiforme e requer sempre gêneros que a constitua com suas especificidades e necessidades de uso. Para nós, os *sites* se constituíram como enunciados que respondem às necessidades de comunicação de grupos sociais que utilizam a internet para buscar respostas, para interagir em redes sociais, para aprender isto ou aquilo, ou seja, “a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade

humana (...)” (BAKHTIN, 2011, p. 262). Ainda trazendo as palavras do filósofo russo, “ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2011, p. 265).

De acordo com Ribeiro (2010, p. 55), “(...) evidencia-se a necessidade de identificar os aspectos constitutivos do gênero – as condições de sua produção, os campos de atividade humana nos quais ele é construído, os possíveis papéis sociais assumidos pelos participantes desse campo, a sua função social na interação.” Com base nisso, podemos dizer que foi através da análise dos elementos que constituem o todo do enunciado – conteúdo temático, estilo e organização composicional – que entendemos o funcionamento dos *sites* como suporte do gênero aula.

Por isso, é de total importância para o embasamento de nossas análises o olhar atento às possíveis circunstâncias em que os *sites* foram construídos, para, através das marcas linguísticas e textuais dos enunciados presentes em cada um, interpretarmos qual é a função e a especificidade deles, para que eles se destinam e a quem, em um determinado momento histórico.

Em relação aos elementos-base que constituem o gênero, não devemos entendê-los de forma estanque, afinal segundo as proposições de Bakhtin e do Círculo, eles estão indissolivelmente ligados e formam uma unidade de constituintes do gênero. Ou seja, os três elementos são marcados da mesma maneira pelas especificidades de uma esfera de ação. Indo além, vale ressaltar que, conforme nos diz, também, Marcuschi (2002), a funcionalidade do gênero extrapola o campo linguístico, cumprindo, também, um papel social e cultural.

A linguística no século XIX, ao ser instaurada por Saussure, com destaque para a obra *Curso de Linguística Geral*, pensava a língua através de um embasamento teórico estruturalista, ou seja, a função comunicativa da língua(gem) não era negada, mas era colocada em segundo plano, como algo de secundária importância. Para Saussure a língua é um sistema de signos exterior ao indivíduo, de natureza concreta. Em relação à função comunicativa, “se era levado em conta o papel do outro, era apenas como papel de ouvinte que compreende passivamente o falante” (BAKHTIN, 2011, p. 270).

Para os autores do Círculo, a língua não está em jogo somente considerando-se um falante e um ouvinte passivos, pois se considera que “um grupo linguístico, a multiplicidade de falantes evidentemente não pode ser ignorada de maneira nenhuma quando se fala da língua; (...)” (BAKHTIN, 2011, p. 270). A língua passa a ser

concebida como muito além de um sistema de signos; sua faceta sócio-ideológico-dialógica ganha destaque com o avanço dos estudos linguísticos e os interlocutores que põem em prática a língua ocupam posições responsivas, afinal a compreensão dos enunciados, da fala, é de natureza ativamente responsiva, conforme lemos nas obras do Círculo de Bakhtin, principalmente em *Estética da Criação Verbal*.

Considerando-se que “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso (...)” (BAKHTIN, 2011, p. 275) e, também, que o enunciado “possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva” (BAKHTIN, 2011), partimos do princípio de que os *sites* que selecionamos contêm tipos de enunciados que suscitam resposta no possível interlocutor, sendo assim, aquele que estiver interessado em buscar *sites* como esses que analisamos, que pretendem ensinar a escrever redação, supõe-se que vá, em algum momento, escrever uma redação, seja num vestibular, no Enem, na escola.

Porém, a resposta que o *site* suscita no interlocutor não é para ser enviada ao administrador do *site*, pois não há espaço destinado a isso nesses *sites*, com exceção do *site* Alunos Online, conforme apresentaremos nas análises. Tal resposta, então, refere-se ao fato de que o internauta poderá colocar em prática sua escrita em outro momento, em outro espaço, que não será o próprio *site*. Isto é, não há uma “lição de casa” como nas aulas presenciais de redação, em que o aluno escreve e entrega o texto para o professor corrigir. O possível espaço destinado à interação entre os interlocutores é o que aparece em alguns dos *sites*, ao final de um determinado texto, para que o internauta comente o que achou do texto que leu, por exemplo, e não para que envie o texto que escreveu, a redação que elaborou para os administradores do *site*.

A obra *Estética da Criação Verbal* nos apresenta conceitos importantes para entendermos o funcionamento dos gêneros discursivos; uma outra obra bakhtiniana de grande interesse para os estudos linguísticos é *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, pois “aparece como forma de incorporar aos estudos linguísticos uma concepção de linguagem diferente da linguística da imanência, na medida em que incluía a história e o sujeito” (GREGOLIN, 2003, p. 11). Brait (2003) também nos diz que essa obra representa um marco, uma mudança de paradigma em relação ao objeto de estudo da Linguística, e as novas concepções de signo, de palavra, de linguagem – que consideram as dimensões históricas, social e cultural - que aí estão, são fundamentais para embasar as nossas análises, o nosso olhar para o nosso objeto, a saber, os *sites*.

Conforme Bakhtin/Volochínov (1995), o processo de integração da realidade na ideologia é mais facilmente observável no plano da palavra – que é tecida “a partir de uma multidão de fios ideológicos” (1995, p. 41) -, por isso nos é fundamental analisar o funcionamento dos *sites* por meio das marcas deixadas nas dicas, que estão lá dadas, escritas para os internautas.

Para Bakhtin, em seu capítulo *Os gêneros do discurso*, cada ato de enunciação é composto por diversas vozes, ou seja, cada discurso é composto de vários outros discursos e direcionamos nosso olhar atento aos *sites* para buscar entender quais são as vozes que os constituem, quais são esses discursos que estão em jogo na interação que os *sites* propõem para com os seus possíveis interlocutores.

Como sabemos, Bakhtin elaborou o conceito de diálogo ao se debruçar em estudos referentes à literatura, mais especificamente, em relação a estudos sobre os romances de Dostoiévski, romancista russo. Segundo Marcuzzo (2008), o conceito bakhtiniano de diálogo permeia a concepção de linguagem e de mundo do autor russo e, além disso, diálogo é o termo que se refere ao princípio constitutivo da linguagem. Sendo assim, vemos que se trata de um conceito de fundamental importância para Bakhtin e que marca toda a sua obra, que, vale dizer, é também toda constituída por diálogos.

O conceito de diálogo, então, que nos é fundamental nesta pesquisa, refere-se à concepção de Bakhtin em relação a discurso, a enunciado, a linguagem, e mais além, refere-se à concepção de vida, de mundo e de homem que caracterizam toda a obra e o pensamento de Bakhtin.

A multiplicidade de vozes e o diálogo são importantes em nossa reflexão, pois é nosso objetivo atentar-nos para as vozes que constituem os *sites* selecionados para análise. Nos *sites* que compõem nosso *corpus*, “escutamos” vozes que nos remetem ao discurso oficial – PCN, por exemplo -, ao discurso da Linguística, que muito estudou e estuda, até hoje, sobre a produção de redação na escola, sobre o ensino de escrita e de interpretação de textos. Considerando que os *sites* são elaborados com o objetivo de ensinar a escrever redação, percebemos que neles circulam as vozes dos discursos oficiais, científicos e do senso comum; todavia, percebemos que os discursos sobre concepção de língua(gem) e ensino de escrita que circulam nos *sites* se apoiam no discurso oficial, com influência daquilo que se defende nos PCNs, e no discurso científico, com influência daquilo que as grandes pesquisas acadêmicas defendem sobre o ensino de redação no país.



### 3. AS ANÁLISES

As análises realizadas consideraram que, conforme nos diz Bakhtin (2011, p. 289):

[...] cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetual. A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido.

Com base na citação, entendemos que para analisarmos os *sites* temos que considerá-los como objetos discursivos que constroem sentidos para os sujeitos, tanto para os que buscam as lições de redação quanto para nós, que os selecionamos como objeto de análise.

Em nossas análises iniciais, observando o funcionamento dos *sites*, percebemos que eles constroem um efeito de aula com base em uma noção de texto que é criticada pela Linguística. O texto é tomado, muitas vezes, como algo estático, como o final de um processo e, talvez por isso, apenas apareçam dicas referentes à gramática, à ortografia, etc.

No período de realização da nossa pesquisa de Iniciação Científica, de 2013 a 2014, analisamos, na íntegra, os dez *sites* que constituem nosso corpus. No entanto, para a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso, optamos por apresentar as análises completas de dois *sites* e, em relação aos demais, apontaremos suas principais características, por meio de seções que trarão os elementos recorrentes, os quais indicam que a maioria dos *sites* mantém um profundo diálogo com o discurso sobre ensino de produção textual que circula na Instituição Escolar. Optamos por desenvolver uma análise mais detalhada dos *sites* Brasil Escola e Professor Juscelino; o critério para a seleção deve-se ao fato de consideramos importante apresentar um site que dialoga com o discurso escolar e outro que dialoga com o discurso da Linguística. Dessa forma, selecionamos o *site* Brasil Escola, que mantém, majoritariamente, um diálogo com o discurso que circula na Instituição Escolar, assim como os demais que, por esse motivo, serão apresentados em seções. Por outro lado, o *site* Professor Juscelino, a nosso ver, mantém um diálogo mais marcado com o discurso da Linguística, conforme explicaremos melhor nas análises que se seguem.

### 3.1 Análise do Site Brasil Escola

No *site* Brasil Escola, em *Quem Somos*, temos a informação de que:

A Rede Omnia tem como principal “produto” o site Brasil Escola, um dos maiores sites brasileiros de educação e de serviço gratuito, que concorre com outros sites da própria instituição, como o Mundo Educação e Alunos Online, já que possuem **o mesmo público-alvo**. (grifo nosso). (CABRAL, s/d).

A rede que se responsabiliza pelos *sites* Brasil Escola, Alunos Online e Mundo Educação, também selecionados para a constituição do *corpus*, é privada e como salientamos, pensa os *sites* como destinados ao mesmo público-alvo: pré-vestibulandos. A disposição dos itens referentes à disciplina Redação se dá de maneira parecida em ambos os *sites* e possibilita ao aluno o acesso a diversos conteúdos necessários para que se aprenda a escrever uma redação, que vão além de regras gramaticais.

Especificamente em relação ao *site* Brasil Escola, o aluno pode escolher entre os seguintes itens dos “Canais de Redação”: Carta; Descrição; Enunciação e contexto; Formas variadas de linguagem; Gêneros textuais; Gêneros textuais do cotidiano; Gêneros textuais do universo jornalístico; Gêneros textuais inerentes à pesquisa; Gêneros textuais ligados à oralidade e à cidadania; Intertextualidade; Narração; Organização discursiva e as distintas modalidades; Redação em concurso e vestibulares; Redação técnica; Textos injuntivos; Textos narrativos; Textos persuasivos e Textualidade.

O nome do *site* Brasil Escola já nos é significativo e nos chama a atenção, pois logo percebemos a pista de que os discursos que nele circulam têm raiz no discurso oficial, do governo federal, nesse caso, e no discurso da instituição escolar, que ocupa um lugar de prestígio em nossa sociedade. Trata-se de um *site* bem completo, que é atualizado constantemente, e que traz ao leitor informações variadas sobre disciplinas escolares como Português, Literatura, História, Geografia, Matemática, Física, Biologia, Artes, etc, traz informações sobre conhecimentos gerais como, por exemplo, sobre guerras que aconteceram no mundo, e também traz sempre informações sobre os vestibulares do Brasil.

Dentre os itens que nos levam a conteúdos sobre as disciplinas que estão disponíveis no *site* há o item *Redação*, que vemos ser composto por vários outros itens – já citados anteriormente -, que fazem parte dos Canais de Redação, como nomeia o *site*. Nota-se a importância que o *site* atribui em contemplar itens sobre gêneros

discursivos – que são chamados de textuais no *site* – e sobre o funcionamento de textos argumentativos, de textos que fazem parte do cotidiano, ou seja, a influência dos estudos bakhtinianos sobre gênero textual, que muito afetaram a elaboração dos PCNs, por exemplo, mostra-se forte na constituição do *site* Brasil Escola. Do mesmo modo que o discurso escolar oficial dá ênfase aos estudos bakhtinianos sobre gênero, este *site*, também, busca ensinar diversos gêneros do discurso, ou seja, não ignora que a redação não se resume à dissertação.

Consideramos relevante o fato de aparecer em um *site* tão conhecido como esse a voz que defende o ensino de produção textual com base em uma concepção de língua que vem da leitura da obra de Bakhtin e do Círculo, pois isso caracteriza um ponto positivo em relação ao processo de desenvolvimento da educação, da maneira como lidar com textos, com o ensino de gênero em sala de aula.

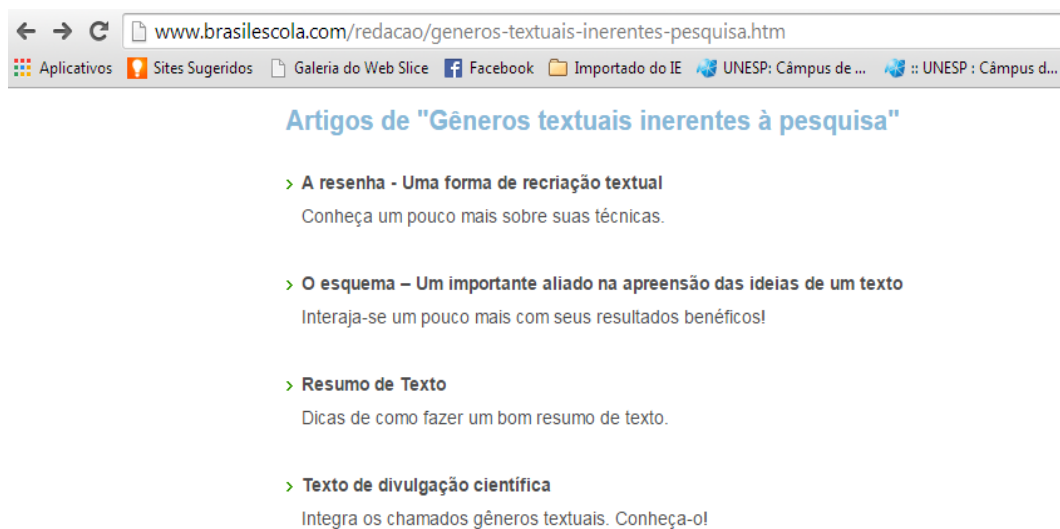
Um dos itens que muito me chamou a atenção é *Gêneros textuais inerentes à pesquisa*, que tem como subtítulo “Os gêneros textuais inerentes à pesquisa, semelhantemente aos demais, caracterizam-se por estruturas linguísticas específicas, passíveis ao nosso conhecimento”.

Como não poderia deixar de ser, eis que você se depara com mais uma subseção, sem dúvida. Uma subseção, como tantas outras, cujos propósitos parecem culminar num só objetivo: levar até você o conhecimento necessário para que cada vez mais possa ampliar sua competência linguística, sobretudo em se tratando de situações específicas de interlocução. (BRASIL ESCOLA, *Gêneros textuais inerentes à pesquisa*).

É assim que se inicia o texto assinado por Vânia Duarte, graduada em Letras – informação disponibilizada ao final do texto -, do item *Gêneros textuais inerentes à pesquisa*, com a explicitação do objetivo dessa subseção que é o de “levar até você o conhecimento necessário para que cada vez mais possa ampliar sua competência linguística (...)”. O texto diz também que,

(...) de forma específica, aqui abordaremos sobre aqueles gêneros inerentes à pesquisa, demarcados pelo relatório, pelo esquema, pelo resumo, pela resenha, enfim, por todas aquelas situações comunicativas que se fazem presentes tanto quando você se encontra no espaço escolar, cursando a Educação Básica, quanto naquelas ocasiões em que você já se encontra inserido na Educação Superior.

Abordar os diferentes gêneros que constituem o mosaico de possibilidades textuais em relação a textos inerentes à pesquisa é o objetivo dessa subseção, que disponibiliza para o interlocutor quatro artigos: *A resenha – Uma forma de recriação textual*; *O esquema – Um importante aliado na apreensão das ideias de um texto*; *Resumo de texto*, e *Texto de divulgação científica*.



**Figura 1**

O artigo sobre resenha é breve, como todos os outros citados, e dá destaque a dois tipos de resenha: a descritiva e a crítica. Segundo o texto, a descritiva é aquela em que “(...) o autor somente relata informações (...)” e na crítica “o autor, além de aplicar todos estes procedimentos, ainda tece comentários a respeito do assunto abordado.” Também vale dizer que o texto considera a resenha um tipo de reescrita, de recriação textual, que pode se referir a um livro, a um filme, a uma peça teatral, etc.

No artigo sobre esquema, também escrito por Vânia Duarte, lemos que o esquema funciona “como um forte aliado tanto na compreensão das ideias quanto na elaboração destas, no momento da produção textual.” O texto aponta, da mesma forma, que o esquema também é importante para nortear a apresentação de uma palestra ou de outro trabalho oral porque “funciona como uma espécie de guia, pois no momento da fala pode ser que algum fato escape-nos diante daquilo que foi planejado.”

Os outros dois artigos referentes, respectivamente, ao resumo de texto e ao texto de divulgação científica, são textos breves que discorrem sobre algumas características do tipo de texto abordado – o que também ocorre nos outros artigos citados –, mas o artigo sobre resumo é o único que apresenta algumas dicas para se fazer um bom

resumo. Segundo o texto disponível no *site*, de autoria de Sabrina Vilarinho: “Expôr o texto em um número reduzido de linhas não parece ser fácil? Não se preocupe, a seguir estão alguns passos para se fazer um bom resumo e se dar bem.” São apresentadas seis dicas, a saber:

Faça uma primeira leitura atenciosa do texto, a fim de saber o assunto geral dele; depois, leia o texto por parágrafos, sublinhando as palavras-chaves para serem a base do resumo; logo após, faça o resumo dos parágrafos, baseando-se nas palavras-chaves já destacadas anteriormente; releia o seu texto à medida que for escrevendo para verificar se as ideias estão claras e sequenciais, ou seja, coerentes e coesas; ao final, faça um resumo geral deste primeiro resumo dos parágrafos e verifique se não está faltando nenhuma informação ou sobrando alguma; por fim, analise se os conceitos apresentados estão de acordo com a opinião do autor, porque não cabem no resumo comentários pessoais.

Dentre os quatro textos que compõem o item *Gêneros textuais inerentes à pesquisa*, esse é o único que apresenta, com detalhes, como se faz um resumo. Se, por um lado, podemos avaliar essa explicação como positiva, visto que uma explicação detalhada não foi encontrada em outros itens dedicados ao ensino dos outros gêneros textuais, por outro lado, esse é mais um *site* no qual encontramos as dicas, as quais consideramos insuficientes para o ensino de escrita de um texto, pois, o que se espera de um *site* que se propõe a abordar assuntos sobre diferentes textos, diferentes gêneros, num item referente à Redação, é que apresente ao interlocutor, no mínimo, maneiras possíveis de se escrever um determinado tipo de texto.

Como já dissemos anteriormente, temos a hipótese de que os *sites* se apoiam em um diálogo com a instituição escolar, e podemos ver, também, que eles têm funcionamento parecido com o de livros didáticos. Porém, livros didáticos, mesmo que com falhas, costumam explorar melhor o ensino de textos, quando comparados com os exemplos de textos – ou artigos, como o *site* nomeia - que encontramos no *site* Brasil Escola, que deixa a desejar melhores explicações, pois o conteúdo do *site* não é escrito de maneira clara e faz o leitor criar a expectativa de que lerá um texto referente a como aprender a produzir uma redação de um trabalho de pesquisa. Aquele que busca, em *sites* como esse, textos sobre o ensino de redação, provavelmente, busca aprender algo consistente sobre redação e sobre gêneros outros, algo que seja complementar em relação àquilo que se ensina na escola; porém, tal *site* não cumpre aquilo que sugere, ou seja, consideramos que a possível proposta de ensino de gêneros inerentes à pesquisa não se cumpre.

Ainda em relação ao item *Gêneros inerentes à pesquisa*, como já citamos anteriormente, o objetivo exposto no texto que introduz esse item é o de proporcionar ao interlocutor conhecimento necessário para a ampliação da competência linguística. Para isso, consideramos que seria necessária uma completa abordagem dos gêneros considerados inerentes à pesquisa, afinal, é um texto de teor didático, prático que é escrito para aquele que pretende aprender mais sobre como trabalhar com a escrita de tal texto; entretanto, vemos que os textos disponíveis não contribuem para “levar até você o conhecimento necessário para que cada vez mais possa ampliar sua competência linguística, sobretudo em se tratando de situações específicas de interlocução”, conforme analisamos. Abaixo, apresentamos a página referente ao item *Gêneros textuais inerentes à pesquisa* para que o leitor possa compreender melhor nossa análise.



Figura 2

Consideramos interessante discorrer sobre tal item presente no *site* porque nos chamou a atenção o fato de que parece haver no *site* Brasil Escola uma preocupação em levar ao conhecimento do interlocutor a importância de cada gênero textual. Como esse item sugere a abordagem de textos que fazem parte do mundo da pesquisa - que faz parte do mundo acadêmico, também -, a curiosidade de clicar para saber o que ali havia não foi pouca, já que este trabalho de Iniciação Científica é um dos tipos de textos que fazem parte do mundo da pesquisa. Num primeiro momento, parecia-nos muito interessante a presença de um item que se propõe a abordar gêneros que pouco

aparecem em outros *sites*, ou mesmo em livros didáticos; pareceu-nos inovador. Entretanto, os textos disponíveis pouco dizem ou ensinam aspectos relevantes acerca de gêneros que estão ligados à pesquisa.

Feitas tais considerações, focaremos a análise dos itens referentes ao ensino de redação que integra o mundo da instituição escolar e que é tão cobiçado nos *sites* que compõem nosso *corpus*.

O espaço, no *site*, dedicado ao grande item *Redação* apresenta as subseções *redação em concursos e vestibulares* e a subseção *redação técnica*, que são destinados, de fato, ao ensino de redação. Em *Redação em concursos e vestibulares* há um texto, escrito por Vânia Duarte, sobre a importância de se saber escrever uma redação em um vestibular ou em um concurso e, indo além, o texto traz aquilo que, para um vestibulando, deve ser umas das mais importantes considerações em relação ao contexto que envolve a produção escrita de redação em uma prova de vestibular, a saber, aquilo que a banca examinadora espera:

O que realmente espera a comissão que compõe a banca corretora é que você tenha a habilidade de demonstrar as competências de que dispõe acerca do uso da língua, articulando as ideias de forma precisa e expressando seu discurso de acordo com as intenções comunicativas a que se propõe.

Mais além, a autora escreve no texto que o *site* tem a responsabilidade de conduzir o interlocutor nesse percurso de escrita de uma boa redação em um concurso ou vestibular e a consequente aprovação do candidato na prova que prestou, trazendo “informações, detalhamentos sobre a forma como se estruturam cada um dos muitos gêneros textuais existentes (...)”. Ao final do texto, a autora escreve que o espaço dedicado ao ensino de redação no *site* tem o objetivo de proporcionar ao interlocutor um melhor preparo para poder escrever uma boa redação nas provas de vestibulares ou de concursos, em que o candidato terá que “demonstrar as habilidades de alguém que sabe se posicionar frente a um determinado assunto e discuti-lo com bastante êxito, assumindo, portanto, uma postura consciente (...)”. As linhas que encerram o texto dizem: “garantimos a você que proveito poderá tirar de todas as iniciativas que nos dispusemos em favor de um único e verdadeiro objetivo: o seu conhecimento. Portanto, aproveite-as e realize um ótimo estudo!!!”

Esse texto disponibilizado pela equipe do *site* no espaço destinado a discutir sobre a escrita de redação em provas de vestibular e concursos públicos já nos instiga, na posição de pesquisador, a pensar a relação que é estabelecida entre a voz que

comanda o *site*, a voz que ocupa posição de destaque na interação criada, pois é a voz daquele que detém o saber e está autorizado a ensiná-lo a alguém, e a voz do outro, que é o possível interlocutor que, provavelmente, seja um aluno que pretende prestar um vestibular e busca no *site* um apoio para poder escrever uma boa redação, ou também, alguém que esteja se preparando para prestar um concurso público.

Vale ressaltar o grande destaque que o *site* dá à necessidade de se aprender a lidar com a escrita de uma redação, pois, recorrentemente, os textos que estão disponíveis no *site* destacam o valor que lhe é atribuída por parte das grandes instituições como, por exemplo, os órgãos públicos que são responsáveis pelos grandes concursos e pelos grandes vestibulares e pelos conhecidos nomes de faculdades e institutos particulares, responsáveis por elaborar as provas mais procuradas no país. Isso fica claro para o leitor que se depara com esse *site*, visto que em todas as páginas do *site* há várias propagandas que o levam a links que divulgam os processos seletivos de universidades como a UNIP, faculdades SENAI, o SENAC, universidades UNINOVE, e os grandes concursos públicos do Tribunal Regional Federal, do Banco do Brasil, etc.

Os artigos que compõem este espaço destinado à redação em concursos e vestibulares são, na maioria, referentes a dicas de como escrever bem uma redação em uma prova de vestibular. O artigo *Os 10 mandamentos para uma boa redação* chamou nossa atenção. Observamos que o título do artigo faz referência ao discurso religioso, preconizando um passo a passo que deve ser seguido para que, assim como os fiéis devem obedecer a Deus, os visitantes desse *site* também devem seguir as dez instruções para não correrem o risco de serem reprovados nas redações, o que, por analogia, pode ser entendido como um pecado. Seguem os “mandamentos” escritos no *site*, por Sabrina Vilarinho:



1) Não escreva difícil, usando palavras para parecer que sabe de tudo! Prefira uma linguagem mais simples. Não falo aqui do uso de coloquialismo, sem restrições!

2) Críticas sem fundamento, sem objetivo não devem ser feitas. A análise sobre algo deve ser realizada baseada em fatos, acontecimentos reais. Sempre aponte soluções coerentes para os problemas levantados.

3) Uso de palavrões, jargões, gírias e coloquialismo é proibido!

4) A linguagem do msn ou orkut deve ficar em casa. Nunca abrevie palavras: vc, qdo, msm, dentre outras. Exceção: etc.

5) Não faça repetição desnecessária de palavras! O texto fica enfadonho e pobre, pois o leitor verá que você não tem muita leitura, uma vez que não tem muito vocabulário. Use sinônimos: menina, garota, criança, guria.

### **Figura 3**

6) Não “encha linguiça”, como dizem! Uns dizem coisas sem sentido, outros falam a mesma coisa várias vezes, de vários modos. Seja objetivo, claro. Melhor qualidade do que quantidade. No entanto, processos seletivos exigem o mínimo de 15 linhas. Escreva sobre algo que você tenha conhecimento. Baseie-se (não copie) em um texto da coletânea, nas ideias expostas ali. Faça um parágrafo para introdução, um para o desenvolvimento e um para a conclusão, pelo menos!

7) Não esqueça a cedilha no “c”, o cortado do “t”, o pingo do “i”, as letras maiúsculas em nomes próprios!

8) Coloque ponto final! Começou um novo argumento, uma nova ideia? Coloque ponto final e não vírgula! Os períodos ficam tão confusos que o leitor não sabe nem mais qual é o assunto inicial ou quem é o sujeito do período!

9) Faça a concordância verbal. Se o sujeito está no plural, o verbo também deverá estar! Ficou em dúvida? Leia a oração e identifique o sujeito, quem pratica a ação.

10) Releia o texto! É impossível tentar organizar melhor o texto, corrigir os erros e tirar nota boa sem reler o que se escreveu! Detalhe: Coloque-se no lugar de um leitor que não sabe nada sobre o assunto abordado em seu texto e se pergunte: Será que ele entenderia sobre o que estou escrevendo e o meu ponto de vista?

Saiba que mandamentos foram feitos para serem seguidos, mas não como obrigação ou por imposição, mas para nosso bem! Pense nisso!

Por Sabrina Vilarinho  
Graduada em Letras

### **Figura 4**

Como se lê no mandamento 6, “não encha linguiça” é uma expressão usada no senso comum, que foge do padrão culto da língua. Esse uso sugere uma tentativa de aproximação do *site* com o possível interlocutor, pois é um uso próprio da oralidade, como ocorre, muitas vezes, numa aula presencial. Todavia, não podemos ignorar que no *site*, o que funciona é a escrita e não a oralidade e, principalmente, que as instruções ou

dicas dadas aos internautas marcam a necessidade de usar-se a língua padrão na redação, variedade linguística que também deveria ser usada para a elaboração das dicas.

O artigo *Os 10 mandamentos para uma boa redação* é um dos exemplos mais explícitos de que o *site* instaura um diálogo com o discurso da esfera escolar sobre o certo e o errado, sobre o que pode e o que não pode ser escrito em uma redação. Observamos que o *site* mantém estreita relação com o gênero aula ao enfatizar esse discurso para seu interlocutor, pois tal discurso é proveniente da esfera didática, que tem por parâmetro a avaliação, a qualificação entre certo e errado.

Para o *site*, listar mandamentos para serem seguidos parece persuadir o interlocutor, que possivelmente é um aluno que está acostumado a conhecer esse tipo de dica no ambiente escolar. Ao final do texto que compõe esse artigo há o seguinte: “Saiba que mandamentos foram feitos para serem seguidos (...)”. Notamos que o texto em questão, escrito por Sabrina Vilarinho, pretende manter com o interlocutor uma relação muito parecida com a relação existente entre aquele que ocupa o lugar de aluno e aquele que ocupa o lugar de professor na instituição escolar; a hierarquia presente em uma sala de aula entre a figura do professor e a figura do aluno parece estar presente, também, no *site*, pois através da leitura dos textos que nele estão disponíveis percebemos um funcionamento parecido com o que acontece em uma sala de aula, em que acontece a aula presencial, dentro da escola, instituição que ocupa lugar de destaque em nossa sociedade. Isso porque, nesse *site*, predominam, como na escola, o uso do verbo no imperativo e as noções de certo e errado, subentendendo que a voz de autoridade é a voz que fala no *site*, tal qual a voz do professor, em uma aula presencial.

Vale dizer também que o *site*, ao manter através de seus textos uma hierarquia de vozes em relação aos interlocutores, tem funcionamento parecido com o que encontramos em livros didáticos, que também mantém um diálogo hierárquico com seus leitores, os alunos. Um exemplo explícito é o fato de haver em todos os “mandamentos” citados pelo *site* o uso de verbos no modo imperativo, que sempre carregam sentidos de imposição, de ordem, de algo que vá além de uma sugestão. Sendo assim, notamos a forte relação que o *site* estabelece com o discurso sustentado pela esfera escolar e pelo livro didático sobre a importância da normatização, sobre o valor social de certo e errado.

Conforme nos diz Bakhtin, os enunciados são sempre ideológicos e sociais, sempre mantêm relações dialógicas com outros enunciados. Em relação ao *site* Brasil

Escola – enunciado concreto -, percebemos a forte influencia do discurso que circula na instituição escolar em sua constituição, pois como já dissemos acima, dar ênfase à noção de certo e errado através de dicas, dar ênfase na necessidade de focar os estudos em regras gramaticais é o que comumente acontece dentro da escola, ainda hoje. Um enunciado carrega sentidos já ditos de outros enunciados e essa relação dialógica não se rompe; vemos que, de fato, o *site* mantém um diálogo com outros enunciados concretos, incorpora sentidos que circulam em outros enunciados e se apoia naquilo que a escola defende em relação ao ensino de língua portuguesa e ao ensino de redação.

### 3.2 Análise do Site Professor Juscelino

O *site* Professorjuscilino.com.br, em *Home*, traz um texto que apresenta o professor Juscelino Pernambuco como o responsável por tudo que ali está disponível. Este é o único *site* que apresenta a voz do autor como “eu” e como professor. Professor Juscelino já começa se apresentando, diz seu nome, sua formação, onde trabalha, atualmente, e isso marca que o responsável pelo dizer se assume como tal e que a apresentação de sua trajetória profissional, chegando a ser professor em uma reconhecida Universidade Pública, constrói um efeito de credibilidade no outro. A seguir, a página inicial do *site*.



Figura 5

O *site*, no seu todo, pareceu-nos ser bem completo, pois disponibiliza vários textos que vão além de um “passo a passo” para fazer redação. E o fato de ser da autoria de um professor doutor é bem significativo, pois talvez, seja este o motivo de ser um *site* mais completo, que parte do princípio de que um texto não é uma fôrma, um quadro moldurado e que o aluno, o estudante, o pré-vestibulando que vai colocar em prática sua escrita, sua argumentação, seu posicionamento através da língua escrita é um sujeito heterogêneo. Com base no que encontramos no *site*, consideramos que há uma preocupação maior em manter um diálogo com o interlocutor, o que a nosso ver é fundamental para que o aluno/internauta possa encontrar um espaço para construir sua relação com a escrita, o que conforme sabemos não é tarefa fácil. A chamada do item *Redação* é um dos exemplos em que percebemos maior preocupação do site em manter um diálogo – positivo – com o interlocutor:

Apresento a você temas para elaboração de redação de diferentes gêneros. É uma tentativa de ajudá-lo a exercitar-se na atividade de produção de textos escritos. Para escrever, leia a coletânea de textos ou o texto-base. Submeta o seu texto à apreciação de outra pessoa. (

No item *Blog*, há inúmeros textos escritos sobre variados temas relacionados à língua portuguesa e à literatura; há crônicas, análises de poemas, análise de músicas, alguns textos sobre algo interessante sobre algum autor renomado da literatura, etc. Muitos dos textos e crônicas que estão no item *Blog* são escritos para esclarecer como se escreve ou se pronuncia determinada palavra; porém, são textos que não se restringem a dicas; a maneira como os textos são escritos nos faz perceber a tentativa do *site* de manter uma aproximação com seu leitor; faz-nos perceber a tentativa do *site* de lidar com o ensino de regras gramaticais sem desconsiderar outros aspectos linguísticos e extralinguísticos tão importantes para se aprender a argumentar em um texto escrito, em uma redação.

O texto intitulado “Cuidados com a linguagem”, disponível em *Blog*, já começa dizendo: “O título do texto é pretexto para eu **dialogar** com você sobre algumas dificuldades que se apresentam a quem quer se expressar de acordo com a norma considerada gramatical.” (grifo nosso). O texto é todo constituído por alguns exemplos muito comuns de expressões, por exemplo, que não combinam com o que é considerado norma padrão, de acordo com o autor do *site*. Segue um trecho do texto:

O título do texto é pretexto para eu dialogar com você sobre algumas dificuldades que se apresentam a quem quer se expressar de acordo com a norma considerada gramatical. Começemos por distinguir linguagem e língua. Todos nascemos com a faculdade da linguagem, o que significa dizer que somos capazes de dar nomes para as coisas, inventar símbolos, caracterizar os seres todos do mundo real ou imaginário e mais outras tantas ações necessárias para o nosso viver. A capacidade de linguagem com a qual nascemos é que nos permite aprender a língua dos nossos pais e todas as demais que desejarmos. Assim, a língua é produto do exercício da linguagem. Cuidar da língua é enriquecer também o exercício que fazemos com a linguagem. Vou apontar, a partir de agora, alguns usos muito comuns que não combinam como os preceitos da norma considerada padrão da língua. Você, certamente, já ouviu frases como as que se seguem: “Fazem dois anos que trabalho nesta empresa.” “Houveram muitos casos de corrupção até em nossa cidade.” “Prefiro muito mais carne de vaca do que carne de porco.” “Existe muitos ladrões no país.” “Entre eu e você não há muito amor.” Veja bem: não se trata de considerar quem se expressa dessa forma como pessoa sem cultura ou carente de conhecimentos da língua. O problema é de domínio da norma da gramática padrão. Vamos às correções: o verbo fazer, com o significado de tempo que passou, deve ficar sempre no singular. A frase adequada na norma culta é: “Faz dois anos que trabalho nesta empresa.” A pessoa fica com medo de errar quando usa o verbo assim, no singular, mas é o correto na norma padrão. Também o verbo haver, na forma “houveram”, causa algum desconforto e, como vem um plural logo após ele, a pessoa não vacila e expõe o seu desconhecimento da norma padrão. O certo, para a norma culta, assim chamada, é o singular: “Houve muitos casos de corrupção.” Quanto ao verbo preferir, escrevo que é difícil ouvir-se alguém empregando-o com correção: quem prefere, prefere uma coisa a outra; não é preferir mais uma coisa do que outra. Preferir já significa gostar mais de um do que de outro objeto. Assim, o modo considerado certo de usá-lo é: “Prefiro carne de vaca a carne de porco.” Evite dizer: Prefiro carne de vaca do que carne de porco, nem prefiro mais carne de vaca do que carne de porco. Confirmando o uso desse verbo: “Ela prefere cerveja a vinho.” Escrevendo sobre preferir, lembrei-me do verbo prevenir. Esse é outro verbo quase sempre usado de forma destoante da norma culta. (...)

Percebemos que o texto cria o efeito de que é necessário haver uma conversa sobre os usos que são, muitas vezes, considerados erro, antes de julgar apenas o que é certo e errado, o que se deve – ou não – fazer em um texto. Percebemos haver nesse *site* um cuidado maior com a explicação sobre porquê tais usos são considerados errados em relação à norma culta, diferentemente do que encontramos nos outros sites analisados, que listam “pecados” sem mostrar para o interlocutor uma discussão mais elaborada sobre o assunto. Esse diálogo instaurado entre o *site* e o interlocutor se assemelha à interação positiva existente, na maioria das vezes, em sala de aula, em que o professor tem o espaço para explicar, face a face, para seus alunos os porquês, em detalhes. Mas,

vale ressaltar: a concepção de ensino de produção textual que sustenta a constituição do *site* é fundamental para a instauração do diálogo com o interlocutor. Acreditamos que esse *site* mantém um forte diálogo com o discurso da Linguística, por isso, constatamos haver nos textos disponibilizados um cuidado com a explicação bem típico de um linguista.



Figura 6

O que encontramos nesses textos é uma concepção de língua(gem) que vai ao encontro da concepção que a Linguística defende e sustenta, concepção esta que considera a língua como complexamente vivificada pelo uso que os falantes dela fazem. Esse diálogo que o *site* mantém com o discurso da Linguística evidencia a postura que nele é assumida: a de considerar os aspectos linguísticos e extralinguísticos fundamentais de serem considerados no momento do ensino e aprendizagem do processo de escrita.

O item *Redação* é composto de onze subitens que estão disponíveis para *download*, a saber: “A arte da conversa”, “A prova do Enem (2)”, “Redações criativas no ENEM”, “Currículo bem organizado”, “Organização de currículo e procuração”, “Correspondência oficial e comercial (II)”, “Paralelismos na escrita”, “Tema para Redação: livros”, “Tema para Dissertação”, “Propostas para 3 Redações”, “Temas para Redações”. O seguinte texto está disponível no item *Redação*, como introdução:

Apresento a você temas para elaboração de redação de diferentes gêneros. É uma tentativa de ajudá-lo a exercitar-se na atividade de produção de textos escritos. Para escrever, leia a coletânea de textos ou o texto-base. Submeta o seu texto à apreciação de outra pessoa.

Como já dissemos anteriormente, esse *site* apresenta um “eu” que assume a responsabilidade pelo dizer ao intitular o *site* com o nome de seu idealizador e, também, ao escrever em primeira pessoa do singular em vários momentos como, por exemplo, vemos no texto citado acima: “Apresento a você (...)”. O uso da primeira pessoa sugere a necessidade que o *site* demonstra ter em instaurar com seu interlocutor uma relação dialógica que seja parecida com a que existe entre aquele que ocupa o lugar de professor e aquele que ocupa o lugar de aluno, na instituição escolar. Notamos, também, que a relação que o *site* estabelece com seu interlocutor difere da relação hierárquica que ainda se mantém dentro da escola, pois percebemos que o funcionamento do *site* revela uma postura que não pretende criar o efeito de que o professor é aquele que sabe, que tem o poder do dizer e tem o direito de se mostrar superior e que o aluno é aquele que ocupa um lugar inferior, que não tem vez e voz.

Figura 7



### 3.3 Análise dos demais *sites*

Com relação aos demais *sites* selecionados, apresentaremos as principais características neles encontradas, as quais serão contempladas nas seguintes seções:

#### **Seção I - O discurso sobre certo e errado: o que é permitido ou proibido nas redações**

Observamos que os *sites* corroboram a noção de certo e errado para o ensino de redação, tal qual o discurso da escola sustenta, desconsiderando, por exemplo, a existência de variação linguística como constitutiva da língua e de todos os gêneros discursivos. Os estudos da Linguística evidenciam que a noção de certo e errado é relativa e não absoluta, todavia, os *sites* não partilham dessa concepção, evidenciando o que se deve e o que não se deve escrever em uma redação sem ao menos argumentar consistentemente por que, sem fazer com que o interlocutor compreenda o uso de determinadas regras e a valorização de determinada variante linguística. Os *sites* reproduzem o sentido dominante na sociedade sobre o poder da norma culta.

De acordo com Bagno, (1999, p. 64):

Como a gramática, porém, passou a ser um instrumento de poder e de controle, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua “bonita”, “correta” e “pura”. A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. O que não está na gramática normativa “não é português”. E os compêndios gramaticais se transformaram em livros sagrados, cujos dogmas e cânones têm de ser obedecidos à risca para não se cometer nenhuma “heresia”.

O autor critica essa visão e defende o seguinte posicionamento em relação ao ensino de língua:

Da parte do professor em geral, e do professor de língua em particular, essa mudança de atitude deve refletir-se na não aceitação de dogmas, na adoção de uma nova postura (crítica) em relação a seu próprio objeto de trabalho: a norma culta. Do ponto de vista teórico, esta nova postura pode ser simbolizada numa simples troca de sílaba. Em vez de REPETIR alguma coisa, o professor deveria REFLETIR sobre ela. Diante da velha doutrina gramatical normativa, o professor não deveria limitar-se a transmiti-la tal e qual ela se encontra compendiada nos manuais gramaticais ou nos livros didáticos. (BAGNO, 2007, p. 151).

Apesar de as variações linguísticas, que fogem da chamada norma culta, ainda se constituírem como barreiras para muitos usuários da língua, principalmente, na



modalidade escrita, a polaridade certo ou errado não se restringe a elas. A crítica aos clichês nas redações também aparece de modo taxativo, pois a maioria dos *sites* afirma que clichês não devem aparecer nas redações. O *Site Cola da Web*, por exemplo, lista o uso de clichês como um dos dez pecados que não devem ser cometidos em uma redação, no item “Os 10 pecados na redação”. Dizer que clichês e gírias não devem aparecer em um texto é importante e é, também, o que a instituição escolar afirma a seus alunos. Entretanto, considerando as novas tecnologias que afetam a escrita, como os celulares, a internet, existe a possibilidade de o vestibular pedir para o candidato escrever um texto com linguagem informal, tal qual usada nesses meios de comunicação; logo, essa dica não será mais válida, afinal, saber lidar com diferentes tipos de linguagens é uma competência que deve ser adquirida, também, na escola, que tem o papel de mostrar ao aluno o mosaico de possibilidades que a língua permite aos falantes.

Vale ressaltar que, ao dizer não ao uso de clichês, o *site* instaura um diálogo com o discurso da Linguística, que também estudou o uso de clichês, as famosas frases prontas, em redações escritas por estudantes e considerou tal uso como uma falha que deve ser corrigida, e a escola é que tem o papel de ensinar a seus alunos como fugir dessa falha. Ou seja, se o uso de clichês em redações é algo que ainda salta aos olhos da escola e, também, do *site*, é porque, talvez, falte aos alunos o acesso à leitura e interpretação de vários textos que lhes oportunizassem um vocabulário mais amplo e maior domínio dos temas pedidos para redação. E é por isso, então, que os *sites* tanto se preocupam em frisar para seu interlocutor a necessidade de não cometer alguns erros, alguns pecados considerados pelo *site* imperdoáveis.

No artigo “Lugar comum (clichê)”, do *site* Info Escola, encontramos a reafirmação dos sentidos que circulam na esfera escolar sobre escrita e produção de texto. Lemos no artigo o seguinte:

É muito frequente na produção de redações que algumas pessoas se utilizem de *chavões*, *moletas*, *clichês*, **lugares comuns**, ou o nome que você preferir, para dar ao texto um ar mais culto ou uma falsa segurança naquilo que se diz. O ideal é que esse tipo de recurso seja abolido da redação. O objetivo principal do texto que é produzido para um concurso é avaliar a capacidade de associação de idéias, exposição de pensamentos e capacidade de comunicação. Quando por algum motivo nos utilizamos de palavras que não são comumente utilizadas por nós (seja na escrita ou na fala) pode acontecer de as utilizarmos

de maneira inadequada, aplicando-as em um contexto ou em uma estrutura sintática imprópria, de modo que iremos deixar a mensagem do texto obscura. (ARAÚJO, s/d). (grifo do autor).

A Linguística Textual se debruçou também no estudo sobre o uso de clichês em redações e a esfera didática escolarizou os sentidos produzidos pela ciência em relação ao ensino de escrita e condenou o uso de clichês em textos. Vemos que o *site* reafirma o discurso pedagógico em relação ao uso de clichês, por isso afirma, por exemplo, que o uso de palavras “da moda” deve ser abolido. Podemos questionar: o que significa palavra “da moda”? Consideramos, então, que apesar de ajudar o interlocutor a tirar alguma dúvida, o *site* não dá conta de ensinar de fato a escrever redação.

No item “Os 10 pecados na redação” do *Site* Cola da Web encontramos o seguinte:

Conhecer os principais pecados da redação também se torna fundamental, pois permite conhecer as falhas mais comuns a fim de evitá-las no texto, pois, nem sempre, dominar as técnicas de escrita resulta em um bom desempenho na redação. Portanto, é de suma importância saber **o que não se deve escrever** para que sejam evitadas falhas e deslizes – a todo custo, que coloquem a redação em xeque. (grifo do *site*).

O que nos chama a atenção é a palavra “pecado”, que além de estar no título do artigo aparece, também, durante a leitura do texto. Observamos que o uso de palavras que remetem ao certo e ao errado, ao discurso normativo, como por exemplo, o uso da palavra “pecado” neste *site* e o uso da palavra “mandamentos”, no *site* Brasil Escola, é comum. Tais usos nos indicam que os *sites* pretendem que o seu interlocutor entenda que pecados não se cometem, que os mandamentos não podem ser ignorados, tal como no discurso religioso. É uma estratégia que pode ser eficaz mas, ainda assim, não garante uma redação escrita com sucesso. Consideramos importante refletir sobre o funcionamento da palavra. Segundo Stella (2007, p. 181)

A escolha das palavras possíveis em um contexto de utilização, por sua vez, só é possível, porque elas já foram experimentadas por outros locutores em situações semelhantes. O que significa que o gênero é extremamente dinâmico porque tanto funciona imediatamente quanto possui uma historicidade que evolui e se adapta às novas condições de utilização.

A nosso ver, o *site*, ao listar dez itens considerados como pecados que não devem ser cometidos em uma redação no momento do vestibular, mostra-nos manter

uma relação dialógica com o discurso sobre valores sociais de certo e errado que ainda é sustentado pela escola e, também, pelo livro didático que apresenta, muitas vezes, textos indicando o que é errado de se fazer em um texto.

Ainda de acordo com Stella (2007, p. 187), “o resultado do confronto entre os significados conhecidos pela consciência e o sentido construído no intuito comunicativo do locutor leva a um novo ponto de vista sobre o signo, instaurado na consciência.” Isso significa que, os significados conhecidos para as palavras “pecado” e “mandamento”, em que o primeiro deve ser evitado e o segundo deve ser praticado para que o cristão seja salvo, ganha um novo sentido quando transferido para o campo semântico do ensino de redação, levando a um novo ponto de vista sobre esses signos, isto é, para o vestibulando ser salvo na redação ele não deve cometer o pecado do clichê e seguir à risca os mandamentos propostos pelos *sites*.

Vale ressaltar que esse discurso do pecado tem relação com o discurso do uso vicioso da linguagem, discurso tal recorrente na tradição gramatical, que defende o normativismo em relação ao uso da língua.

## **Seção II - O foco dos *sites*: o vestibular**

Os *sites* analisados indicam, através dos textos disponíveis em cada um, que é preciso aprender a escrever redações para vestibulares e concursos, o que a nosso ver é uma escolha feita pelo administrador do site visando a atender uma demanda cada vez maior da sociedade, que é o ingresso em universidades. Porém, apesar de haver nos *sites* itens destinados a discutir sobre gêneros textuais, sobre argumentação, sobre tipos de textos, os *sites*, majoritariamente, voltam-se para o vestibular, deixando de lado, muitas vezes, a concepção de ensino de escrita que a Linguística defende, ou seja, os *sites* evidenciam que é necessário aprender a escrever redações pois os vestibulares exigem a escrita de um texto específico (escolar), reduzindo a importância de se aprender a escrever à prova de vestibular.

No item *Redação* do *site* Cola da Web, dentre os vinte e oito artigos, há o de nome “Os 10 pecados na redação”, e isso muito nos instiga. Segue o texto que está disponível neste item:

A **redação** precisa ser clara e concisa e em processos seletivos é um dos fatores mais quantificados, entretanto, quem nunca passou pela situação de ver a folha em branco e não conseguir transformar a ideia em palavras. E o incrível é que isso tem grande probabilidade de acontecer no dia da prova do processo

seletivo! Assim, seguir as sugestões da proposta textual é uma boa maneira de sair desse “branco”, pois algumas vêm acompanhadas de coletâneas de textos que são bastante úteis no direcionamento da escrita. Vale ressaltar que é importante **respeitar o texto solicitado**, seja ele: dissertação, artigo de opinião, carta argumentativa, editorial, narração, entrevista etc. (...). (grifo do *site*).

Como é possível observar, a recorrência à expressão “processo seletivo” ou “prova” aparece nos *sites* analisados, como se o principal objetivo de se aprender redação fosse para essas situações e, não, para um aprendizado de vida. O mesmo pode ser constatado no *site* Guia do Estudante, que dá destaque ao Enem com o item “Aprenda a fazer a redação do Enem passo a passo”. Lemos nesse item:

O formato de redação escolhido pela grande parte dos vestibulares, inclusive pelo Enem, é a dissertação-argumentativa. Esse gênero textual possibilita que o estudante construa uma tese inicial e defenda diferentes pontos de vista ao longo do texto. Separamos aqui algumas dicas para você construir um bom texto. Confira! (VELLEI, C., 2013).

Podemos ver, a seguir, a figura referente ao passo a passo divulgado no *site* Guia do Estudante.

**Figura 8**

1º) **Veja o tema de redação e faça uma leitura cuidadosa da prova** - Essa é a principal dica e vai influenciar todo o seu desempenho. Leia e releia a proposta e os textos de apoio. Dê uma lida também nas questões da prova. Pode ser que alguma informação ajude no tema da redação. Atenção: essa etapa é essencial para que você não fuja do tema.

2º) **Elabore o projeto de texto e escolha uma tese** - Esse é o momento em que você deve escolher a sua abordagem e os argumentos que usará para defender sua tese. Separe as ideias principais sobre o assunto em um rascunho. Na tese, escolha um tema que você domine para argumentar e expor o seu ponto de vista.

3º) **Faça a primeira versão do texto** - Nessa etapa do rascunho, preocupe-se com o conteúdo e não com a gramática. Foque sua atenção para organizar os argumentos da melhor forma. As ideias devem fazer sentido e devem estar ligadas entre si. Um texto bem amarrado valoriza a sua argumentação e fará com que o corretor não se sinta confuso ao lê-lo.

#### Lembre-se da estrutura básica da dissertação-argumentativa

<b>Introdução</b>	Apresente o tema e o recorte que você fará dele. Evite fazer rodeios. É recomendável que a tese seja exposta para direcionar a leitura e mostrar sua linha de raciocínio. Lembre-se de que na dissertação seus argumentos devem ser usados para convencer quem estiver lendo.
<b>Desenvolvimento</b>	Defenda a sua tese apresentando ideias que a justifiquem, de forma consistente, e apresente seus argumentos. Essa parte é importante, por isso coloque tudo da forma mais clara possível para que o leitor compreenda seu ponto de vista. Para deixar organizado, uma dica é reservar um parágrafo para cada argumento, analisando todos os aspectos que você quer abordar.
<b>Conclusão</b>	Retome as ideias expostas na introdução, junto com os principais argumentos que a justificam para confirmar a tese e encerrar o debate. Diferente das outras redações, no Enem é nessa parte que você deve propor a solução ao problema, a partir dos pontos já levantados durante sua redação.

4º) **Revise o texto**: Agora é hora de corrigir a gramática e encontrar outros errinhos na sua redação. Caso tenha dúvida na grafia de alguma palavra, tente substituir por outra expressão. Preste atenção se não existe alguma frase sem sentido perdida pelo texto e avalie se há coerência entre as ideias.

5º) **Passe o texto a limpo**: Finalmente, essa é a última etapa da redação. Por isso a importância de preparar seu texto em um rascunho. Respeite o limite de linhas e não coloque informações fora da área de correção.

Essa recorrência, em nosso entendimento, reproduz o modelo escolar sobre ensino de redação, o qual se baseia em uma estrutura prefixada, apagando-se a relação do sujeito com a escrita para outros fins que não seja o vestibular.

### Seção III – Dicas: o caminho rápido para a redação

As dicas que aparecem no *site* Info Escola evidenciam a postura assumida pelo *site*: a de confirmar os sentidos que circulam na esfera escolar, que frisa a necessidade de ensinar aos alunos a não cometerem erros e desvios gramaticais em seus textos escritos, mas nem sempre dão importância à necessidade de incorporar a reescrita ao processo de ensino de escrita.

O item “Dez dicas de redação simples e eficazes!”, encontrado no *site* Mundo Educação, também é um exemplo de dicas recorrentes tanto nesse *site* quanto nos outros analisados. A figura a seguir é referente às dicas de tal item.

Figura 9

**Dez dicas para uma boa redação**

- Quem quer escrever bem, precisa ler bastante. Ao ler, compreendemos diversos mecanismos linguísticos, mesmo que não saibamos de maneira sistematizada regras e conceitos gramaticais;
- Sempre que escrever, peça que alguém corrija sua redação, pois assim você perceberá quais aspectos devem ser melhorados;
- Respeite as linhas predeterminadas. Cada linha excedida é desconsiderada pelos corretores, por isso, seja conciso;
- Algumas falhas são percebidas apenas com uma leitura minuciosa. Nunca entregue seu texto sem antes reler o que escreveu;
- Respeite a estrutura do texto, escreva parágrafos que delimitem bem as partes que o compõem. Um bom texto deve apresentar introdução, desenvolvimento de até três parágrafos e conclusão;



Letura e escrita são dois processos indissociáveis. Quem quer escrever bem, precisa dedicar parte de seu tempo à leitura dos diversos gêneros textuais

- Seja objetivo, evite clichês, frases feitas e elementos que não agregarão absolutamente nada para o desenvolvimento de suas ideias;
- Atenção às margens e ao recuo dos parágrafos, pois a organização de seu texto interfere na inteligibilidade das ideias. Cuidado com a letra, pois os corretores geralmente não perdem tempo tentando decifrar uma escrita ilegível;
- Se o título for obrigatório, faça uso de frases nominais e nunca pontue ao seu final;
- Evite períodos longos, pontue sempre que possível. Orações longas podem prejudicar a coerência e a coesão textual;
- Se possível, é recomendável que você comece sua prova pela redação, já que ela pesa muito na composição final da nota.

No *Site* Mundo Vestibular, assim como no *site* Brasil Escola, no item *Redação*, encontramos “Os 10 Mandamentos para uma Boa Redação”. As dicas dadas, de fato, são importantes e devem ser lembradas no momento de escrever uma redação; porém, não são suficientes para que alguém aprenda a escrever um texto. Apesar de serem relevantes, elas não dão conta de sustentar o processo de escrita, que depende de outros tantos aspectos que são decisivos, como, por exemplo, a relação do autor do texto com seu interlocutor, ou seja, considerando as condições de produção em um vestibular, a redação será escrita por alguém e será dirigida a um interlocutor imaginário, e essa relação influencia diretamente na escolha das palavras a serem escritas, na constituição de determinados sentidos que aparecerão na escrita, pois “o locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido.” (BAKHTIN, 1995, p. 16). A figura a seguir é referente ao item “Os 10 mandamentos para uma Boa Redação.”

Figura 10

## Os 10 Mandamentos para uma Boa Redação

Redação Mundo Vestibular | 11/05/2011 às 00h30m | ★★★★★

- 1) Preste atenção quanto à modalidade de texto proposto (dissertação, carta argumentativa ou qualquer outro)
- 2) Leia os textos de apoio. Eles estão lá para auxiliá-lo
- 3) Organize suas idéias. Pense antes de começar a escrever

[Ache os cursos e faculdades ideais para você !](#)

- 4) Jamais fuja do tema proposto
- 5) Seja coerente e coeso. Estes são pontos fundamentais para a elaboração de uma redação
- 6) Tenha cuidado com a gramática. Evite o uso de gírias, expressões populares e palavras estrangeiras.

**Ache a faculdade certa!**

**Tipo de diploma desejado:**  
 Graduação     Pós Graduação

**Escolha a modalidade do curso:**  
 A distância     Presencial

**Qual é a sua área de interesse?**  
--- Seleccionar --- ▼

**Continuar**

- 7) Evite o uso de parágrafos muito longos.
- 8) Fique atento à concordância verbal. Tenha o cuidado de flexionar corretamente os verbos quando usá-los no gerúndio ou no particípio
- 9) O texto deve ter uma seqüência lógica
- 10) Faça uma letra legível, afinal de contas não adianta nada seguir os outros conselhos e redigir seu texto com uma caligrafia impossível de ser lida.

Em relação ao *site* Português – o seu sítio da língua portuguesa, o fato de o *site* dizer que as dicas que nele estão disponíveis são importantes, mas que são “apenas” dicas, leva-nos a entender que o *site* parte do princípio que dicas podem auxiliar no processo de escrita; entretanto, não garantem que alguém aprenda, de fato, a escrever bons textos com base nelas. As dicas que o *site* dá dizem, basicamente, que o interlocutor precisa ser um bom leitor para ser um bom escritor e que os textos precisam de um leitor para ajudar na correção, que nesse caso, deve ser um professor; que o número de parágrafos e de linhas deve ser respeitado; que o texto seja objetivo, coeso e coerente e que o aluno releia seu texto. Ou seja, tudo que um aluno já deve estar cansado de ouvir na escola. As figuras a seguir são referentes ao item “Dez dicas para uma boa redação”.

**Figura 11**

- 1. Ninguém se torna um bom escritor em um passe de mágica. As fórmulas só existem nas ciências exatas e, ainda assim, quando mal aplicadas, são passíveis de erro. Portanto, se você quer se tornar um escritor eficiente, comece sua jornada em busca da competência linguística com o simples **hábito de ler**. No começo pode ser difícil, mas como todo hábito, aos poucos você vai se acostumar e até tomar gosto pela **leitura**. Entenda que um bom escritor é, obrigatoriamente, um bom leitor. Corra já para uma biblioteca e recupere o tempo perdido.
- 2. Escreva bastante para treinar e aprimorar as técnicas de redação, mas não se esqueça de que seus textos precisam de um leitor que possa encontrar possíveis erros e mostrar a você maneiras eficientes de solucioná-los. A **correção** certamente vai te ajudar a sanar dúvidas e evitar que erros se repitam. **Peça ajuda para um professor** ou alguém com conhecimento específico na área.
- 3. Em concursos e vestibulares, é comum que o **número de linhas** do texto seja estipulado, geralmente, pede-se que o candidato elabore uma redação com até 30 linhas. Lembre-se de que toda linha extra será desconsiderada no momento da correção, portanto, **respeite o número mínimo e o número máximo de linhas**.
- 4. Para que uma redação possa ser desenvolvida de maneira satisfatória, ela precisa ter, no mínimo, **quatro parágrafos**, divididos em introdução, desenvolvimento e conclusão.
- 5. Seja **objetivo**. Vá direto ao ponto, nada de introduções longas e mirabolantes. Alguns se perdem na “vaguidão inespecífica” e acabam recheando o texto com informações desnecessárias e chavões sem utilidade prática. Há quem acredite que o uso de uma linguagem rebuscada, permeada por arcaísmos e expressões eruditas, pode impressionar os leitores, mas, definitivamente, enfeitar a escrita não vai fazer com que você se pareça mais inteligente aos olhos dos corretores. **Objetividade** é a palavra de ordem.

- 6. **Releia** o texto escrito. Reserve um tempo para fazer esse exercício, pois quando relemos nossa redação, a chance de encontramos **possíveis erros** são bem maiores. Fique atento à coerência e à coesão, cuidado também com as temidas falhas gramaticais.
- 7. Atenção quanto à **forma da redação**. Capriche na letra e, se ficar em dúvida sobre a legibilidade de sua "caligrafia", aposte nas letras de forma. Respeite o **recuo dos parágrafos**, geralmente são dois centímetros a partir da margem (você deve ter aprendido isso lá na alfabetização, por que deixar de usar o que aprendeu?), use o hífen quando fizer uma separação silábica e nunca, **nunca pule linhas entre um parágrafo e outro**, certo?
- 8. **Nem todo vestibular ou concurso pede que sua redação tenha um título**. Caso ele seja expressamente solicitado, não se esqueça de que deve ser constituído por uma frase nominal, ou seja, nada de verbos. Prefira **títulos curtos** e não pontue ao seu final.
- 9. **Evite períodos longos**, pois esse tipo de construção pode provocar equívocos no momento da pontuação. Isso não quer dizer que você deve fazer de sua redação um telegrama, nada disso: tente encontrar o equilíbrio, mas **prefira frases curtas**, elas são mais facilmente compreendidas.
- 10. Que tal **começar a sua prova pela redação?** Muitos candidatos, seja por medo ou por seguirem a sequência da prova, acabam deixando a redação para o final, quando já estão cansados. Lembre-se de que **a redação vale muito na composição final da nota**, então uma boa dica é começar mostrando suas habilidades linguísticas. Se você gosta de fazer o bom e velho rascunho, fique atento na hora de passar a limpo, já que algumas palavras do texto podem ser omitidas nesse momento. Lembre-se: todo cuidado é pouco!

**Figura 12**

No *site* Redação Dissertativa deparamo-nos com dicas, assinadas por Ana Paula Araújo, referentes a uso do vocabulário, a uso de pontuação, à paragrafação e ao que deve ser feito antes de passar a redação a limpo no vestibular. As dicas dizem, em geral, que a linguagem utilizada na redação deve ser clara e que o aluno deve evitar escrever palavras científicas; dizem também que o aluno nunca deve usar gírias ou figuras de linguagem e que os clichês devem ser evitados ao máximo, pois, se usá-los a redação será comprometida e, além disso, dizem também que a linguagem utilizada na redação não deve se aproximar da oralidade. As dicas dizem também que o uso excessivo de vírgulas deve ser evitado, para não afetar negativamente a coerência do texto, e que os períodos não devem ser muito longos. Assim como em outros *sites* já analisados, também lemos nas dicas que a letra do aluno deve ser legível, que a proposta de redação tem que ser lida com atenção para não haver equívoco em relação ao tema e, o que mais nos interessa, diz que o aluno tem que reler e reescrever seu texto antes de entregá-lo. Percebemos que a maioria das dicas é parecida com as encontradas em outros *sites* já analisados, o que evidencia o funcionamento parecido dos *sites* que se pretendem



didáticos e legitimadores do discurso pedagógico. A figura a seguir é referente às dicas do item “Modelo de redação dissertativa.”

#### QUE NÃO SE DEVE FAZER AO REDIGIR UM TEXTO DISSERTATIVO

- Escrever, usando verbos em primeira pessoa.
- Descuidar da parte técnica da redação (gramática, aspectos práticos, ortografia, organização e estrutura sintática).
- Escrever o que se acredita que os outros queiram ler.
- Exagerar ao escrever para impressionar.
- Usar um estilo demasiado elaborado, exagerado ou pretensioso.
- Usar clichês.
- Ser prolixo. Dizer o que tem que dizer de maneira concisa.

FIM

[Voltar à página Artigos](#)

**Figura 13**

A nosso ver, esse e os demais *sites* que apresentam dicas como as que encontramos, aqui, consideram relevante o discurso escolar que defende o uso de regras e normas em relação ao ensino da língua, no caso, a escrita, por isso, dialogam com esses discursos que, em geral, repetem a necessidade de escrever corretamente, sem erros ortográficos e gramaticais; repetem que o uso de clichês e figuras de linguagens deve ser evitado para não comprometer a redação. Porém, ao dizer que o aluno deve reler e reescrever seu texto antes de entregá-lo, o *site* tenta instaurar um diálogo com o discurso da Linguística, que defende a reescrita do texto, por exemplo, pois considera o ato de voltar ao próprio texto como essencial para que seja compreendido, de fato, como se escreve um texto, como se argumenta, como se usa a língua escrita, etc.

#### **Seção IV – O uso do verbo no imperativo: recorrência ao discurso pedagógico**

Como estamos apresentando, para Bakhtin a interação verbal ocupa lugar de destaque em sua teoria. Segundo Machado (2007, p. 156):

Quando considera a função comunicativa, Bakhtin analisa a dialogia entre ouvinte e falante como um processo de interação “ativa”, quer

dizer, não está no horizonte de sua formulação o clássico diagrama espacial da comunicação fundado na noção de transporte da mensagem de um emissor para um receptor, bastando, para isso, um código comum. Para Bakhtin, tudo o que se afirma sobre a relação falante/ouvinte e da ação do falante sobre um ouvinte passivo não passa de “ficção científica”, um raciocínio raso que desconsidera o papel ativo tanto de um quanto de outro sem o qual a interação não acontece.

A citação acima nos leva a refletir até que ponto os sites promovem aquilo que Bakhtin entende por interação ou podemos pensar que os *sites* funcionam pensando no esquema de que há um emissor que envia uma mensagem para um receptor, em que o receptor tem um papel passivo, papel este criticado por Bakhtin, conforme a leitura que Machado faz da teoria bakhtiniana. A partir disso, somos levados a questionar o uso dos verbos no imperativo presentes em todos os *sites* analisados. Sabemos que esse modo verbal é muito recorrente no discurso pedagógico que circula tanto nas salas de aula quanto nos livros didáticos utilizados nas escolas; todavia, nas salas de aula existe a possibilidade de interação verbal, diante do uso, pelo professor, do verbo “copie” o aluno pode contestar e o professor pode devolver uma resposta, confirmando assim que “todo discurso só pode ser pensado, por conseguinte, como resposta. O falante, seja ele quem for, é sempre um contestador em potencial.” (MACHADO, 2007, p. 156). Ou melhor,

Neste caso, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (lingüístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. (BAKHTIN, 2011, p. 271).

Em decorrência disso, podemos pensar que nos *sites* essa interação ocorre de modo diferente daquele vivenciado em sala de aula. Se, em uma aula presencial, especialmente, nos ensinamentos fundamental e médio, na maioria das vezes, o aluno não é autorizado a sair da sala quando não concorda com o professor, diante de seu posicionamento, ou do uso dos verbos no imperativo, por exemplo, na internet, o interlocutor tem, pelo menos, duas possibilidades: seguir as “ordens” sugeridas pelos verbos ou sair do *site*. A relação dos interlocutores será construída de maneira diferente, na aula presencial e pela internet e não há uma receita para determinar como ela será, pois o “processo responsivo” ocorrerá de acordo com a “comunicação

discursiva efetiva com as pessoas que nos rodeiam”. E acrescentamos: sejam elas reais ou virtuais. Segundo Bakhtin (2011, p. 282-283):

A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical não os conhecemos por meio dos dicionários ou manuais de gramática, mas sim graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação discursiva efetiva com as pessoas que nos rodeiam.

Fundamentados no autor russo, entendemos que se só conhecemos a língua materna por meio dos enunciados concretos produzidos em situações de comunicação discursiva efetivas, o conhecimento de redação também necessita dessas condições comunicacionais para se realizar. Para exemplificar o que estamos discutindo, apresentaremos alguns usos de verbo no imperativo nos *sites* analisados.

Encontramos no *site* Info Escola, no artigo “Dicas para redação no Vestibular e no Enem”, dicas dadas através do uso do imperativo, cujo efeito de sentido que é criado é de ordem; as dicas apontam para aquilo que o aluno deve fazer - ou não - na hora de escrever uma redação em vestibular. Além disso, cria-se o efeito, também, de que desobedecer às dicas acarretará na reprovação do candidato e o que nos instiga é o fato de não haver maiores explicações sobre os assuntos abordados no artigo. Dizer o que não se pode fazer em um texto não garante a escrita de uma boa argumentação, por exemplo. Por isso, assim como já apontamos em análises anteriores, as dicas, mesmo que relevantes, não asseguram a escrita de um bom texto. A figura a seguir é referente às dicas encontradas no *site*.

Figura 14

#### Uso do vocabulário

- Seja direto e use linguagem simples, clara. O uso de termos dos quais você não tem [segurança](#) podem comprometer a compreensão do seu texto.
- Evite palavras científicas, elas podem conter um significado muito específico e não se adequarem ao contexto em que você as aplicou.
- Não use figuras históricas a menos que seja indispensável, pois caso você se engane a respeito de alguma informação sobre aquela pessoa você estará prejudicando a verossimilhança do texto.
- Evite os lugares comuns, conhecidos também como âncoras, clichês, etc. São palavras, expressões ou frases usadas anteriormente por outras pessoas ou por você e que se tornaram conhecidas.
- Nunca use gírias ou [figuras de linguagem](#). Dessa maneira você pode não ser claro quanto ao conteúdo da sua redação.
- Evite ao máximo, semelhanças com a oralidade. Lembre-se que quando escrevemos uma redação (especialmente no [vestibular](#)) devemos obedecer às normas da língua.
- Não use expressões do tipo “eu acho”, “eu penso”, “eu sinto” ou semelhantes.

#### Uso da Pontuação

- Evite o excesso de vírgulas. Só as use quando for realmente necessário, pois caso o texto possua pausas desnecessárias, além de comprometer o ritmo e a continuidade do texto, comprometerá também a [coesão](#) e [coerência textual](#).
- Não faça períodos longos demais, mas não exagere nos pontos, de maneira que o seu texto se torne uma ladainha. É necessário o devido equilíbrio. Estude o uso adequado do ponto final.
- Evite os sinais de pontuação cujo uso você não domina. A exclamação, as reticências, as aspas, o [ponto e vírgula](#) e os dois pontos são sinais que podem ser evitados caso haja uma insegurança quanto ao uso. Contudo, o uso correto desses sinais pode enriquecer o texto e torná-lo mais compreensível, auxiliando não só a construção do texto como a compreensão do mesmo.
- Caso haja algum diálogo, é ideal o uso dos sinais que o caracterizam: dois pontos e travessão.



Foto: Zurijeta / Shutterstock.com

## Seção V – As exceções também constituem os *sites*

O *site* Alunos Online, no item “Dicas de Redação”, disponibiliza para o leitor dez dicas referentes à escrita de redações que vão além de ditar regras sobre erros gramaticais, o que evidencia uma concepção de ensino de escrita que dialoga com o discurso da Linguística sobre prática de escrita de textos. As dicas são: “Quem lê mais, escreve melhor; Treine a escrita; Fique atento à coletânea de textos; Releia seu texto; Cuidado com o tamanho do seu texto; Seja objetivo; Respeite o formato da redação; Atenção quanto ao uso do título; Evite períodos longos; Caso seja possível, comece sua prova pela redação.”

Há ainda um lembrete que muito nos chamou a atenção, que diz: “Lembre-se: seguir nossas dicas não quer dizer que você não deva estudar a teoria sobre produção textual. As dicas ajudam a norteiar os estudos, mas não podem ser tomadas como única alternativa. Ser um escritor hábil com as palavras demanda tempo e dedicação, por isso, mãos à obra e bons estudos!” (PEREZ, s/d). Este é o único *site* que deixa claro para o interlocutor que se basear apenas em dicas não é suficiente para aprender a escrever um texto, o que dialoga com nossa crítica ao excesso de dicas encontradas nos sites analisados sobre o ensino de produção textual na mídia eletrônica. Consideramos importante esse movimento do *site* em relação a seu público leitor, pois, de fato, dicas norteiam o estudo, mas não substituem a leitura de textos variados sobre assuntos diversos, que vão além de regras gramaticais e ortográficas, por exemplo.

Além disso, esse é o único *site* que abre um espaço para correção de redações, mas vale ressaltar que ele não corrige todas, pois, assim como lemos em “Banco de Redações”, serão corrigidas 150 redações.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim de um percurso que objetivou investigar se o ensino de redação nos *sites* que a isso se dedicam dialoga com o gênero discursivo aula. Sabemos que atualmente muitas pesquisas têm se dedicado ao estudo dos gêneros do discurso, como entendidos por Bakhtin, e isso, a nosso ver, tem grande relevância, uma vez que, como diz o autor russo,

O estudo da natureza dos enunciados e dos gêneros discursivos é, segundo nos parece, de importância fundamental para superar as concepções simplificadas da vida do discurso, do chamado “fluxo discursivo”, da comunicação, etc, daquelas concepções que ainda dominam a nossa linguística. Além do mais, o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) – as palavras e orações. (BAKHTIN, 2011, p. 269).

Indo nessa direção, analisamos os *sites* selecionados para essa pesquisa com base no estudo dos conceitos de gênero e diálogo, propostos pelo círculo bakhtiniano e, também, com base no estudo do percurso que a Linguística traçou em relação ao ensino de produção escrita. Constatamos que os *sites* dialogam com o discurso defendido pela Linguística em alguns momentos, e também, dialogam com os discursos que circulam na esfera escolar e no livro didático – que são, na maioria das vezes, mais reafirmados pelos *sites*, do que o discurso científico.

Confirmamos nossa hipótese inicial, a de que os *sites* – enunciados concretos que são -, sustentam-se numa relação dialógica com o gênero aula, que acontece na instituição escolar, através da análise do funcionamento dos dez *sites* selecionados, ao longo do período de um ano. As relações instauradas pelo *site* entre a voz que ocupa o lugar de professor e a voz que, provavelmente, ocupa o lugar de aluno se dão de maneira parecida com o que acontece em uma sala de aula.

Não tencionamos esgotar as possibilidades de discussão em torno do *corpus* selecionado; objetivamos, pois, fazer uma discussão sobre o funcionamento dos *sites* em relação às semelhanças que apresentam com o gênero aula, que é constituída de vozes quase sempre hierárquicas e que constituem o processo de ensino-aprendizagem. Objetivamos, também, analisar como os *sites* dialogam com os discursos da ciência, da instituição escolar, dos Parâmetros Curriculares Nacionais e do livro didático.

Apesar de os *sites* se configurarem como uma inovação da contemporaneidade, fruto dos avanços científicos e tecnológicos - os quais afetam a escrita e quem dela se utiliza, seja por meio da internet, dos aparelhos celulares, dos tablets -, observamos que

os *sites* defendem uma concepção de língua que, de modo geral, não abre espaço para a voz do outro; que idealiza uma língua homogênea, cujas regras devem ser respeitadas e os erros são tidos como pecados. Essa concepção de ensino de língua assemelha-se à praticada ao longo dos anos pela escola, quando ainda não havia o cursor e o que materializava a escrita eram – apenas - o giz, a lousa, o papel e o lápis.

Esse posicionamento pode estar ligado à ideologia capitalista, pois para um *site* manter-se no ar ele deve ser muito acessado; portanto, romper com a tradição, com um discurso dominante sobre a escrita seria um tanto quanto arriscado, e além disso, requer uma fundamentação teórica baseada nos estudos mais recentes da Linguística.

A concepção de escrita que serve de base para o ensino de redação, nos *sites* analisados, dialoga com a gramática tradicional, reforçando a necessidade do uso de leis e regras para a escrita, e com as teorias da comunicação, que preveem um emissor (o locutor ou administrador do *site*) que envia uma mensagem a um receptor (o internauta), por meio de um código (a língua portuguesa), usando um canal (a internet), como se esses elementos fossem suficientes para garantir, ao internauta, ou suposto aluno, vestibulando, o aprendizado da redação.

Dessa forma, se os *sites* pretendem colocar em circulação o gênero discursivo aula, podemos dizer que muito do que acontece nas salas de aula aparece nos *sites*, assim como as dicas, o uso dos verbos no imperativo, o foco no vestibular, o funcionamento do discurso pedagógico. No entanto, podemos dizer, sobretudo, que a interação verbal fica prejudicada, porque o internauta não tem espaço para perguntas e respostas; não recebe sua redação corrigida, tampouco comentada para que ele pudesse praticar a reescrita, ressignificando seu discurso e construindo sua relação com a escrita, a qual não é mecânica, nem exata. Essa interação, a nosso ver, possibilitaria, de fato, a efetivação do processo ensino-aprendizagem, numa perspectiva dialógica, tal como defendemos, fundamentadas em Bakhtin.

## 5. REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *Preconceito Linguístico – o que é, como se faz*. 49ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 7ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1995.

SOARES, B. *Livro do Desassossego*. Lisboa: Ática. 1982.

BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. (Org.) 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

BRAIT, B. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In.: GREGOLIN, M.R.V.; BARONAS, R. (Org.). *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2003.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: Ensino Médio*. 2000.

CABRAL, T. Conheça a Rede Omnia, s/d. Encontrado em: <http://www.redeomnia.com/sobre-nos/>. Acesso em: 24/07/2014 às 16h.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.

FIAD, R. S. A pesquisa sobre a reescrita de textos. In: (Eds.) MARÇALO, M. J.; LIMA-HERNADES, M. C.; ESTEVES, E.; FONSECA, M, do C.; GONÇALVES, O.;

VILELA, A. L.; SILVA, A. A. *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Copyright 2010 by Universidade de Évora.

FIORIN, J. L. *Introdução do pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

GERALDI, J. W. (Org.) *O texto na sala de aula*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

GREGOLIN, M.R.V. Análise do Discurso: Lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C.; SANTOS, J. B. (Org.). *Teorias Linguísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia, UFU, 2003.

KOCH, I. G. V. *Linguística textual: retrospecto e perspectivas*. ALFA, São Paulo, 41: 67-78, 1997.

LEITE, de M. C. L. Gramática e literatura: desencontros e esperanças. In: GERALDI, J. W. (Org.) *O texto na sala de aula*. 3ª ed.. São Paulo: Ática, 2000, p. 17-25.

LEMES, N. Argumentação, Livro Didático e Discurso Jornalístico: vozes que se cruzam na disputa pelo dizer e silenciar. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, Ribeirão Preto, 2013.

LEMOS, C. T. G. de. Coerção e criatividade na produção do discurso escrito em contexto escolar: algumas reflexões. In: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1. e 2. graus*. São Paulo: SE/CENP, 1988.

MACHADO, I. Gêneros Discursivos. In: BRAIT, B.(Org). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 151-166.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al (org). *Gêneros textuais e ensino*. RJ Lucerna, 2002.



MARCUZZO, P. Diálogo inconcluso: Os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin. Cadernos do IL, n.o 36, jun/2008.

MENDONÇA, M.C. Língua e ensino: políticas de fechamento. In: MUSSALIM, F., BENTES, A.C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, v.2.

MENDONÇA, M. C. O senso comum sobre língua: notas sobre um discurso marcado pelo outro. In: CARMELINO, A. C.; PERNAMBUCO, J.; FERREIRA, L. A. (Orgs.) *Nos caminhos do texto: atos de leitura*. Franca: Unifran, 2007.

PEREZ, L. Dez dicas para uma boa redação, s/d. Encontrado em: <http://www.portugues.com.br/redacao/dez-dicas-para-uma-boa-redacao.html>. Acesso em: 27-07-2014, às 23h.

PEREZ, L. Dicas de Redação, s/d. Encontrado em: <http://www.alunosonline.com.br/portugues/dicas-de-redacao.html>. Acesso em: 10-12-2014, às 16h.

POSSENTI, S. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, J. W. (Org.) *O texto na sala de aula*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 32-38.

RIBEIRO, P. B. Funcionamento do gênero do discurso. *Bakhtiniana*. São Paulo, v.1, n. 3, p. 54-67, 1º sem. 2010.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 177-190.

TFOUNI, L. V. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.

VELLEI, C. Aprenda a fazer a redação do Enem passo a passo, 2013. Encontrado em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/aprenda-fazer-redacao-enem-passo-passo-690497.shtml>. Acesso em: 20-12-2014, às 16h.

**Sites consultados e analisados:**

<http://www.alunosonline.com.br/>

<http://www.brasilecola.com/>

<http://www.coladaweb.com>

<http://guiadoestudante.abril.com.br/home/>

<http://www.infoescola.com/>

<http://www.mundoeducacao.com/>

<http://www.mundovestibular.com.br/>

<http://www.portugues.com.br/>

<http://www.professorjuscélino.com.br/>

<http://www.redacaodissertativa.com.br/index.html>

## 6. ANEXOS



www.coladaweb.com

R7 R7 TV Notícias Entretenimento Esportes Vídeos Rede Record E-mail

coladaweb OFF PREMIUM

Disciplinas - Vestibular - Pesquisas - Exercícios - Livros - Guia de Profissões

Trabalhos Escolares

- Administração
- Artes
- Arquitetura
- Astronomia
- Biologia
- Contabilidade
- Direito
- Engenharia
- Filosofia
- Física
- Geografia Geral
- Geografia do Brasil
- História Geral
- História do Brasil
- Informática
- Inglês
- Língua e
- Matemática
- Matemática
- Música
- Pedagogia
- Português
- Psicologia
- Química
- Redação

**Temas em destaque**

**Oriente Médio**  
Saiba tudo sobre o Oriente Médio, a religião islâmica, sua população, economia e conflitos regionais.

**A Questão Racial no Brasil**  
Como se desenvolveu o racismo no Brasil e a questão racial brasileira através dos séculos.

**Dia da Consciência Negra**  
20 de novembro se comemora o Dia Nacional da Consciência Negra, como surgiu a data e a luta de Zumbi.

**USE A SUA NOTA DO ENEM E Matricule-se já!**

**BRAZ CUBAS**

**MENSALIDADE a partir de R\$ 344,85**

**Últimos Artigos**

**Fundição**  
As características do Fundição, a forma de montagem com produção em massa introduzida por Henry Ford.

**Dicas**

**Dicas de Estudo**  
Dicas para se dar bem nos estudos.

**Redação**  
Como fazer uma boa redação no vestibular.

**+ Visitados**

**Cadastre-se**  
Para obter vantagens em sua vida. Insira seu e-mail:

guiadoestudante.abril.com.br/home/

Guia do Estudante Pesquisas de Opinião Notícias

Guia do Estudante UP

ENEM: Resultados serão divulgados até o fim do dia

Como fazer uma boa redação

Filia, você já viu?

Profissões

Fazer no vestibular

www.infoescola.com

Aplicativos Sites Sugeridos Galeria de Web Slice Facebook Importado do IE UNESP: Câmpus de... UNESP: Câmpus d... WordReference.com marcosELE Entrar no cliente Z...

Principal Notícias Enem Exercícios Cursos Online

InfoEscola OFF PREMIUM

Conteúdo

Notícias

15 de janeiro

**Matrícula de aprovados no EnD da UFT começa hoje**

2018 Os candidatos que foram aprovados no processo seletivo de Ensino a Distância da Universidade Federal do Tocantins (UFT) deverão matricular-se [...]

**Resultado do Enem 2014 será divulgado amanhã**

2014 O Ministério da Educação (MEC) divulgará, nesta terça-feira (12), os notas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2014. [...]

**MEC libera consulta de vagas oferecidas pelo SiSU**

2018 O Ministério da Educação (MEC) abriu a consulta de vagas que serão ofertadas via Sistema de Seleção Unificada (SiSU). Para [...]

**Segunda fase da Unicamp começa neste domingo**

2018 A Comissão Permanente para as Vestibulares da Unicamp (Comvest) aplicará, a partir deste domingo, de provas da segunda fase do [...]

**UFFR divulgará hoje resultado do vestibular 2014/15**

2015 A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFFR) divulgará, a partir das 14h desta sexta-feira, a lista de aprovados no vestibular 2015. [...]

IG Shopping

Conteúdos em Destaque

Dicas para redação no Enem

10 dicas para a escolha da carreira

www.mundoeducacao.com

Aplicativos Sites Sugeridos Galeria de Web Slice Facebook Importado do IE UNESP: Câmpus de... UNESP: Câmpus d... WordReference.com marcosELE Entrar no cliente Z...

MUNDO EDUCAÇÃO

Quê idêntico você quer aprender?

2.499 VAGAS SALÁRIO R\$ 2.000,00

9,98

100% de lucro

Geografia

Núcleo terrestre

Agente 22

Fuso

Destaque

www.mundovestibular.com.br

MUNDO VESTIBULAR

A Anhanguera tem muitos cursos com preços acessíveis e diversos benefícios. [Clique aqui](#)

UNIVERSIDADES VESTIBULAR ENEM ESTUDOS CONCURSOS ENEM SIMULADOS RESumos PROVAS

Com o **VESTES** dá

Educação, Vestibular, Enem e muito mais!

UPFR divulga lista de aprovados no Vestibular 2015

A Universidade Federal do Paraná (UPFR) divulgou nesta quinta-feira, 10 de janeiro, o resultado final referente ao Vestibular 2015. Ao todo, foram 4.502 candidatos aprovados que vão a partir de 13 a 23 de janeiro para efetuar a matrícula na própria sede de instalação. A matrícula ainda não chegou a primeira chamada complementar.

UPFR divulga lista de aprovados no Vestibular 2015

Foi divulgado hoje, 10 de janeiro, o resultado final do Vestibular 2015 da Universidade Federal do Paraná (UPFR). A lista de aprovados foi divulgada nesta quinta-feira, 10 de janeiro.

UPFR divulga lista de aprovados no Vestibular 2015

Foi divulgado hoje, 10 de janeiro, o resultado final do Vestibular 2015 da Universidade Federal do Paraná (UPFR). A lista de aprovados foi divulgada nesta quinta-feira, 10 de janeiro.

UPFR divulga lista de aprovados no Vestibular 2015

Foi divulgado hoje, 10 de janeiro, o resultado final do Vestibular 2015 da Universidade Federal do Paraná (UPFR). A lista de aprovados foi divulgada nesta quinta-feira, 10 de janeiro.

UPFR divulga lista de aprovados no Vestibular 2015

Foi divulgado hoje, 10 de janeiro, o resultado final do Vestibular 2015 da Universidade Federal do Paraná (UPFR). A lista de aprovados foi divulgada nesta quinta-feira, 10 de janeiro.

www.portugues.com.br

PORTUGUÊS

Expans your horizon. Make us impact. With DISCAD Educamos Educando.

Área de estudo

Verbo Auxiliar

Textologia

Exercícios de Inglês Free

Receba Dicas e Lições de Inglês 100% Grátis em Seu E-mail. Assine!

ORTOGRAFIA

Saiba por que é exigido o uso da inicial minúscula em substantivos compostos.

LITERATURA

www.professorjucelino.com.br

PROFESSOR JUCELINO  
DE BEM COM A LÍNGUA, DE BEM COM A VIDA

Home  
Blog  
Análise Musical  
Gramática  
Literatura  
Redação  
Publicações  
Orientações  
Palestras  
Curiosidades  
Contato



Jucelino Perantoni nasceu em Juruá, distrito de Monte Belo, Minas Gerais. Foi Diretor e professor de Português do Ginásio "Cidade Belgarda" de DeFriburgo, o qual conseguiu transferir para o governo do estado de Minas Gerais, com o nome de Ginásio Estadual de DeFriburgo. É doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em Letras, pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus de Araraquara.

Licenciado em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMP) e em Pedagogia pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR), de Betim, SP. Aposentou-se pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Campus de Araraquara, SP, no cargo de Prática de Ensino de Português. Foi coordenador das turmas de graduação em Letras e do curso de pós-graduação em Ensino de Português, Literatura e Redação, do Centro Universitário Claretiano de Betim e professor dos Faculdades COC de Ribeirão Preto.

Atualmente é professor do programa de Mestrado em Linguística e do curso de Letras da Universidade de Franca (UNIFRAN), no estado de São Paulo. Tem se dedicado à pesquisa linguística e literária e ao exercício da escrita de crônicas, contos e romances. Escreve a coluna semanal "Pátria Literária" para O Jornal de Betim, na internet, e o blog do site www.professorjucelino.com.br e também apresenta o programa de rádio, Análise Musical, na www.rádionovam.com.br. Lançou recentemente os livros: "De bem com a língua, de bem com a vida, crônicas linguístico-literárias", editora LFG, e o romance "Um sapo, um anão", editora Multitexto.

Clique para acessar mais conteúdos online.

www.redacaodissertativa.com.br

Atividades Google ▶ Redação ▶ Nota do enem ▶ Guia do futuro ▶ Enem redação

**REDAÇÃO DISSERTATIVA, REDAÇÃO PARA CONCURSO E VESTIBULAR, REDAÇÃO ENEM**  
O seu site de redação!

Página Inicial ▶ Redações Prontas ▶ Artigos ▶ Contatos

 **Concurso de Bolsas** [INSCREVA-SE!](#) 

**Página Inicial**

A esperança que surge depois do temporal ...

 **R\$ 1 por dia garante alimento**



A busca pelo conhecimento exige sacrifícios, renúncias, atitudes firmes. Mas, tenha certeza, ele só aparece depois da chuva, sendo esta entendida pelas dificuldades e um certo desconforto que podemos sentir durante nosso esforço.

Vale a pena, sim! Todos os que tomam um banho de bom conhecimento, seja em que grau for, têm suas vidas modificadas para muito melhor, e podem sentir as esperanças que todo auto-lis inspira.